

577

18

O CASTELLO

DE

OPPENHEIM

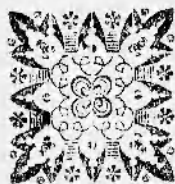
OU

O TRIBUNAL SECRETO.

DRAMA EM 5 ACTOS E 6 QUADROS.

COMPOSIÇÃO DE

Manuel José da Silva Gastos.



RIO GRANDE,

1849.

Offerecido ao Sr. Wm. S. J. Jr.

Florindo pag^m da Sr^a

pelo seu amigo Antonio
de Moura Ribeiro

Pio Grande 28 de Setembro
de 1853 -

O CASTELLO DE OPPENHEIM

OU

O TRIBUNAL SECRETO.

DRAMA EM 5 ACTOS E 6 QUADROS

COMPOSIÇÃO DE

Mannel José da Silva Bastos.



RIO GRANDE.

Typographia de Antonio Bonone Martins Vianna.

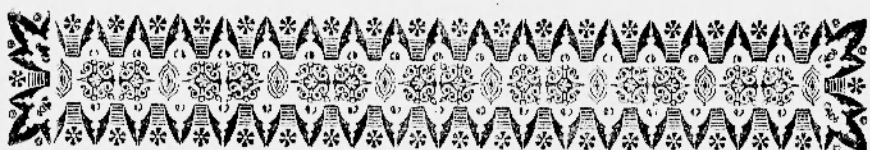
Rua Diretta n. 50.

1849.



17127

1960



AO LEITOR.

SONETO.

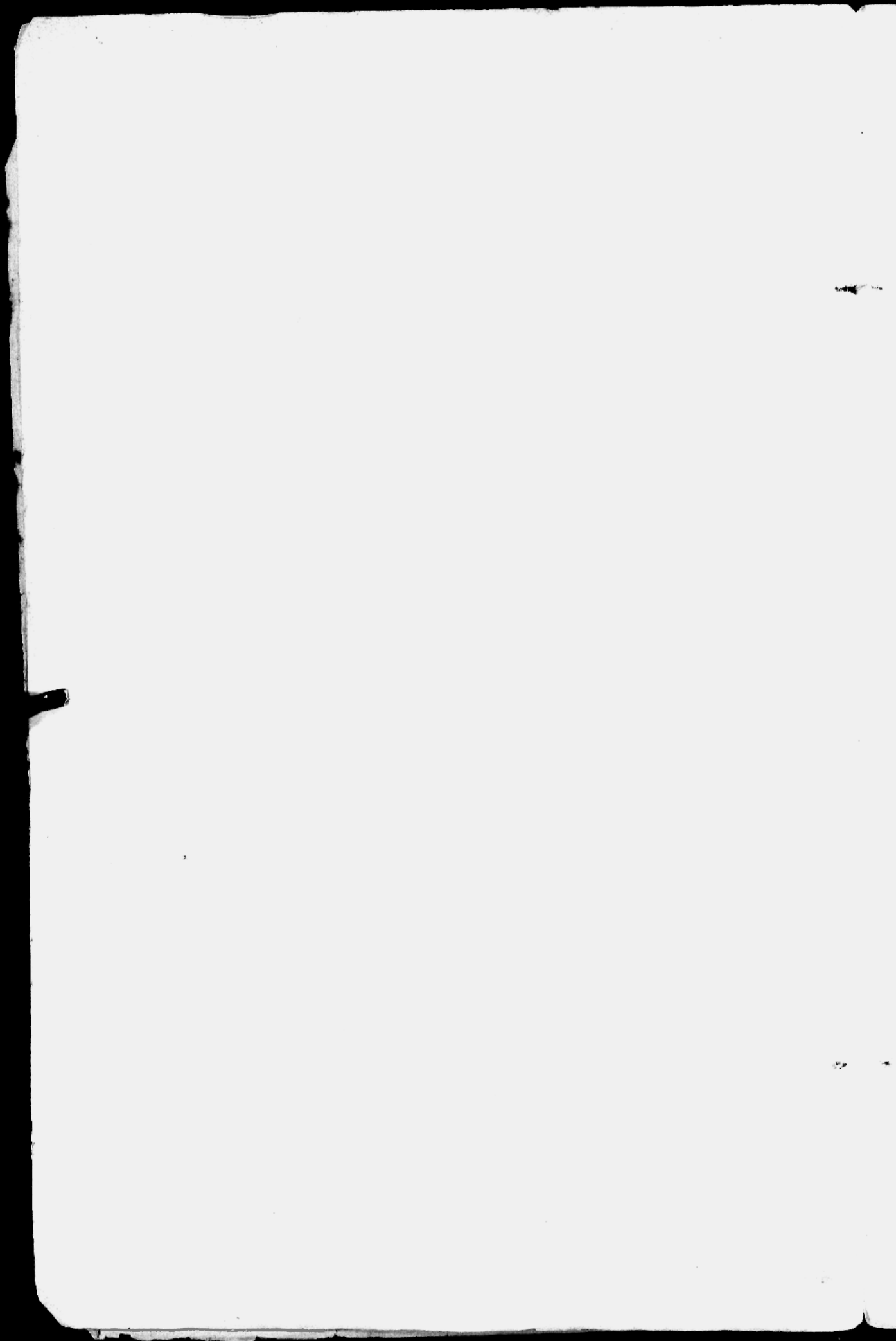
Vai-te, meu drama, a percorrer teu fado,
Escutando submisso a toda a gente;
Mas aos sabios attende tão sómente,
Porque a elles ouvir sómente é dado:

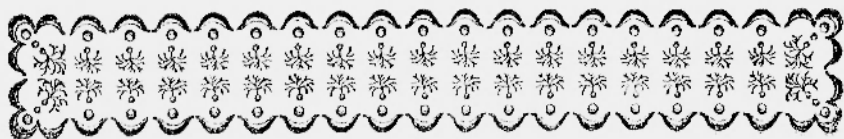
Se te ferrar o dente anavaldado
O Satirico Zoilo injustamente,
Que a si mesmo se morda, e que arrebente;
Que por sabios não foste censurado:

Qual tu és, assim vai, pobre, e sem arte;
Pois que luzes me faltão, e não tenho,
Com que possa melhor apresentar-te;

Sê tu digno dos bons, é este o empenho;
Acolhido serás por toda a parte,
Mesquinha producção de um fraco engenho.

DO AUCTOR.

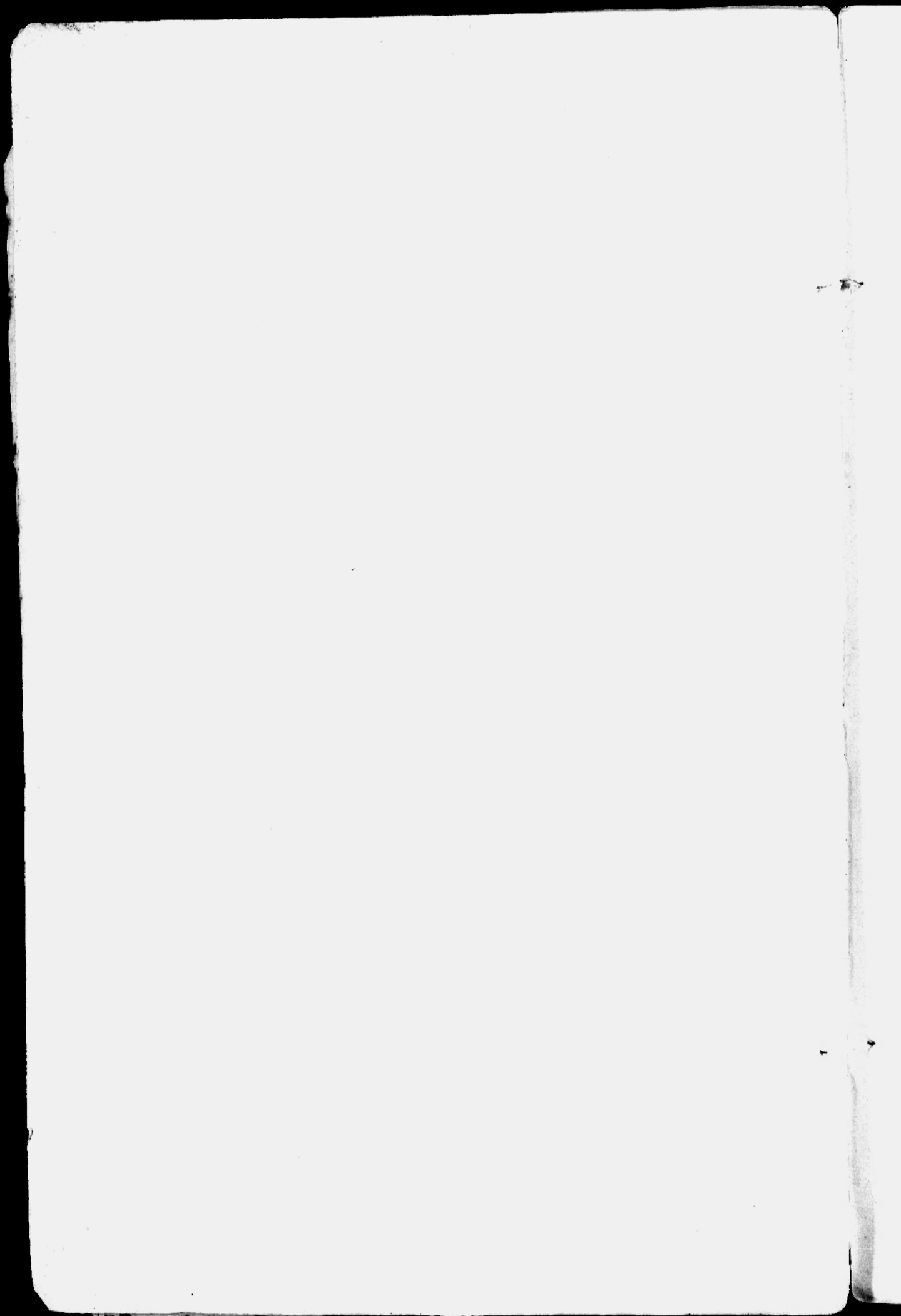




ADVERTENCIA.

COMO escrupulisasse em apresentar esta obra, minha primeira produção, sem submettel-a ao criterio de pessoa habilitada, recorri ao meu prestimoso e particular amigo, o Sr. JOSÉ ANTONIO DE ANDRADE, que tendo-lhe corrigido alguns defeitos e embellesado a frase, me obriga a consignar aqui seu nome em testemunho de minha sincera gratidão.

Manuel José da Silva Bastos.



À SAUDOSA MEMORIA

DE

SEU MUITO PRESADO PAI

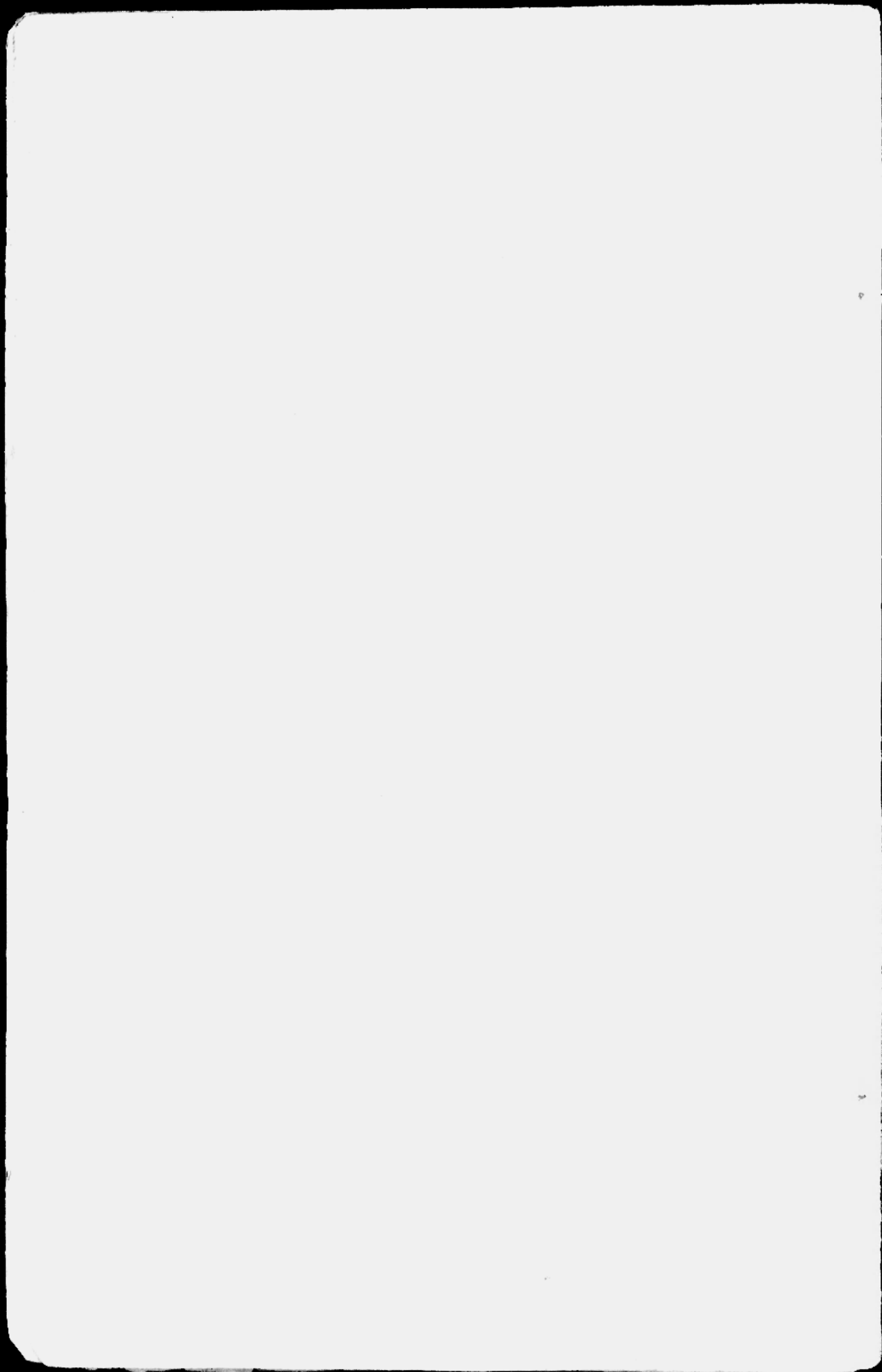
Manoel José da Silva Bastos.

O. D. C.

Em signal de eterno respeito e gratidão

SEU FILHO

MANOEL JOSÉ DA SILVA BASTOS.



O CASTELLO DE OPPENHEIM

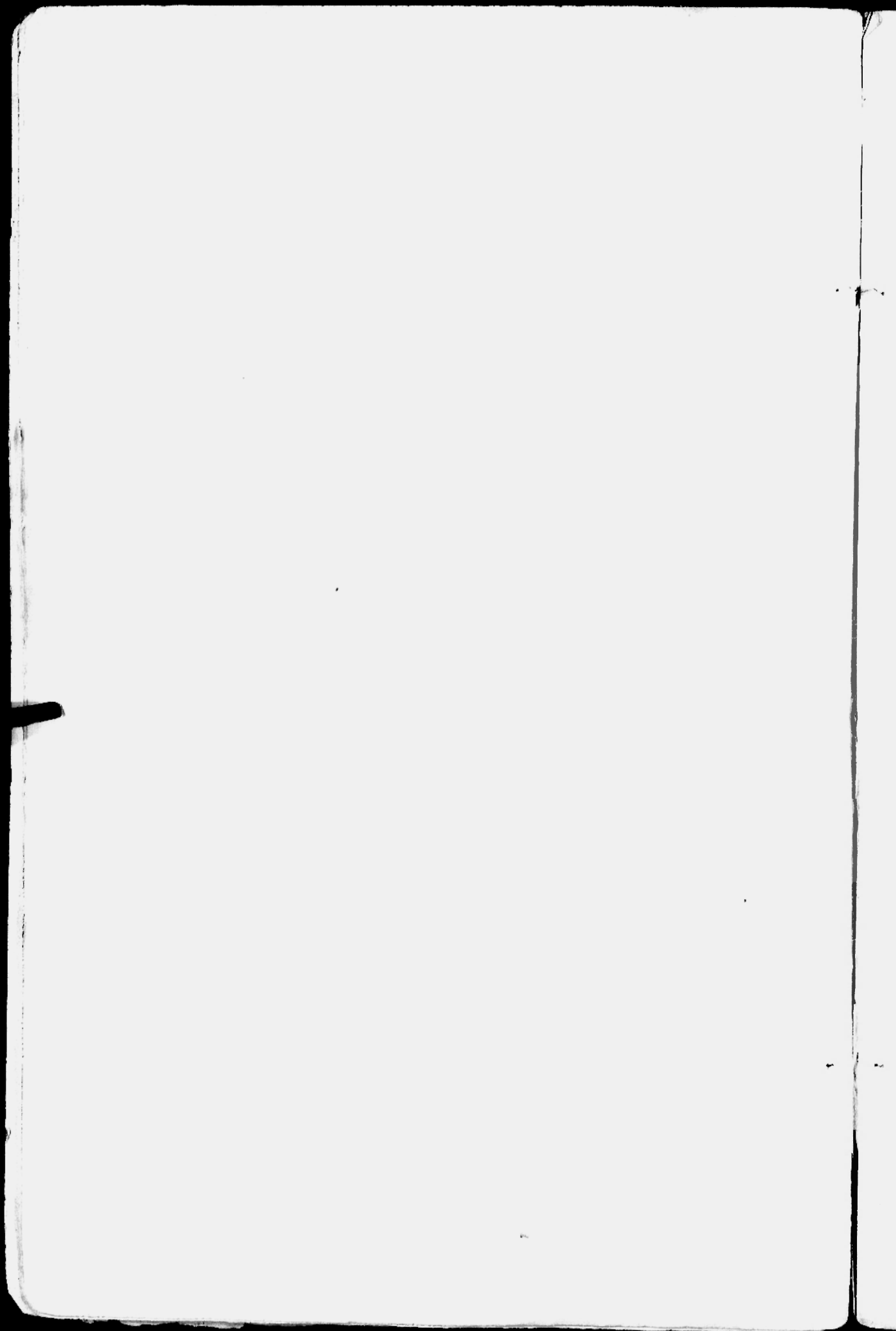
OU

O TRIBUNAL SECRETO.

PERSONAGENS.

Barão de Altorff.	} Membros do tribunal Secreto.
D. Ramiro de Rustald.	
O conde de Hatsenfeld.	
Roberto Morel.	chefe de saltadores e membro do Tribunal.
Elfride Morel.	sua irmã.
D. Carlos	} cavalleiros Allemães.
D. Alberto.	
Rodolpho ,	} criados graves do Ba- rão.
Julia.	
Manrique . ,	confidente de Roberto.
Frank	Estalajadeiro.
Jorge Alder.	Amigo do Barão.
O presidente do Tribunal	
Um saltador	
Cavalleiros, Damas, criados, saltadores e familiares do Tribunal.	

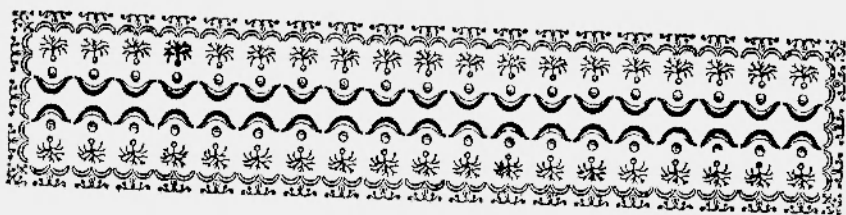
A acção passa-se na Allemanha no reinado do Imperador Sigismundo.



PRIMEIRO ACTO.

O RETRATO.





ACTO I.

QUADRO I.º

Vista de sombrio bosque, grandes rochedos tomão o fundo do theatro. A um dos lados da scena, sobresahe uma grande arvore, e ao pé desta, um grosso tronco de uma outra que figura ter sido decepada, e serve como de assento. Relampagos e outros signaes de eminente trovoada, que gradualmente se vae tornando mais forte. Salteadores deitados e em outras posições.

SCENA 1.ª

MANRIQUE, E OUTRO SALTEADOR.

(Entrando ambos ao mesmo tempo, por lados oppostos).

MANRIQUE.

Então.... nada?

SALTEADOR.

Por cá, nada.

MANRIQUE.

(Com despeito) Ora qual! Muito mal vamos nós este anno....

SALTEADOR.

Principiou mesmo como o diabo!

MANRIQUE.

Nem se quer apparece um bahú, uma trouxa!...

SALTEADOR.

Quanto mais dinheiro!

MANRIQUE.

Parece maldição!... Ha trez meses que um florim que seja, não pude ainda bifar!... Nada! isto assim não vae bem . é de mister fazermos como fazem os caçadores quando vêem o iugar favorito das caçadas batido de todo ; procurão outro, e em quanto não achão em que saciar seu furor venatorio, não descanção.... Nem mais nem menos.... Espantou-se a caça daqui? Toca a procurál-a em outra parte.

SALTEADOR.

Qual procural-a, nem meio procurál-a em outra parte? O nosso chefe embirrou em ficar aqui, e daqui não sahe. Elle assim o diz vão lá pegar-lhe com um trapo quente....

MANRIQUE.

(*Irritado*) Mas elle não vê que estamos parados ha muito tempo, e que por aqui já nada se faz?... não sabe que o nosso officio é inimigo mortal do ocio, e que ladrão, com tres meses de ferias, ao depois não presta para nada, nem para atacar manhoso frade, que, em vez de dinheiro, não traga do seu, mais do que uma bolsa com veronicas de cobre? Ah! tempo! tempo! em que, tão brilhante, eu conheci esta nobre profissão!... era então um gosto viver a gente nestas estradas!... raro era o dia em que não havia pechincha — e pechincha muito gorda —!... era mesmo um ego aberto!...

SALTEADOR.

E hoje é um inferno fechado.... e nós dentro.

MANRIQUE.

É isto que se está vendo.... tudo deserto e limpo!... nem parece que somos o que já fomos, e que, por mal de nos-

— sos peccados, deveramos ser sempre. . . . — ladrões de estrada, salteadores! . . . assassinos. . . . malvados! . . . — Oh! que nomes tão estrepitosos e de tanto barulho! . . . No ouvido, fazem as velhas e beatas cruces e abrenuncios. . . . as donas e donzellas ficão todas espantadiças. . . . os soldados e alguasís de El-Rei perseguem-nos. . . . suas justiças fulminão-nos sentenças de morte. . . . e os carrascos. . . . os malditos carrascos. . . .

SALTEADOR.

(*Rindo-se*) Danção comnosco a *dependura*, melhor ainda e com mais vontade, do que desfechamos contra o renitente viandante a bem escorvada carabina. . . .

MANRIQUE. •

Mil raios os partão! . . . (*Troveja e fusila forte*) Eis-ahi mais esta ainda. . . . ao passo que, expostos a todos os rigores das estações, a todos os perigos e riscos, cercados por toda a parte, e ameaçados até dos proprios elementos! . . . soffremos todas as privações, barateamos a vida. . . . como já barateámos a honra. . . . somos a execração do mundo, antes da morte, na morte, e depois da morte. . . . ide ver lá pela cidade a vida de rega-bofe e de feição, que passão ladrões, como nós. . . . para quem porém não ha ferros nem carrascos. . . . ladrões para quem as justiças de El-Rei são cegas, surdas, e mudas. . . . ladrões a quem donas e donzellas embração, festejão e louvão! . . . — os commodos e as honras para elles, os perigos e a infamia para nós! — Nada! isso não é igual! ladrão por ladrão quero eu sêl-o na cidade, na cidade, sim, que se rouba sem faca nem bacamarte, não á força, mas por geito, onde sob a capa do homem de bem, goza-se da estima e consideração publica. . . . vive-se debaixo de coberta enxuta. . . . agatanhão-se todas as honras, todos os postos elevados, todas as posições brilhantes. . . . e, ahi mesmo, no centro de tantas grandezas e glorias, formão-se, combinão-se e executão-se as maiores ladroeiras. . . . e que ladroeiras! . . . que magnas ladroeiras! dessas, que, de uma noite para o dia, põe uma familia rica a tinir. . . . dessas, que encontrão, sem custo nem susto, patronos e padroeiros por toda a parte, á sombra das quaes casão-se á força viúvas que não contractarão segundas nupcias, nem jámais virão a cara ao segundo noivo; forjão-se testamentos falsos e outras que taes alicantinas, por meio das quaes mesquinhos caixeiros passão de repente a opulentos negociantes, famintos escri-

vães e procuradores a proprietarios e capitalistas, e pobresitos empregados publicos, sob o manto de zelo pela fazenda real amontoão, rapinando, grossos cabedaes. . . .

SALTEADOR.

Em uma palavra — ladroeiras que deixão caber n'um sacco — honra e proveito, não é assim?

MANRIQUE.

Tal qual. . . . *(Ouve-se um forte apito)* Mas, toca a postos. . . . arriba, camaradas — ao nosso chefe — elle nos convoca. *(Os salteadores formão-se e acompanhão Manrique, sahendo pela direita).*

SCENA 2.

(Elfride vestida de homem e embuçada em um largo capote de mangas, sob o qual esconde um pequeno embrulho).

ELFRIDE *(só)*.

Ah! que fadiga! . . . já não posso adiantar um passo, preciso é descansar. A distancia que hei caminhado. . . . e o medo que tenho de pernoitar nestes descampados, tão frequentados de salteadores e assassinos, exaurirão quasi de todo minhas debeis forças, e quasi que aniquilão a pouca coragem que me resta para levar ao cabo a obra da minha salvação. . . . Que farei agora, pobre orphã, desvalida, sem protecção e sem arrimo?! . . . O' meu Deos, tende piedade de mim! Se perto estivera a estalagem em que tantas vezes tenho ouvido fallar. . . . Mas, como chegar a ella, se a noite se avizinha, e a tormenta está prestes a desabar! . . . Oh! meu Deos! meu Deos! . . . *(Atira-se desanimada ao tronco da arvore decepada, senta-se, e fica como embebida em profundo meditar, por algum espaço de tempo)* Em vez de entregar-me, como outr'ora ás doçuras do somno, velarei sobre este duro cêpo, e orarei incessantemente a Deos, por meus paes que já morrerão; chorarei saudades de meu irmão, e carpirei a mesquinha sorte a que me tem arrastado o cruel destino. . . . *(Insensivelmente vae adormecendo).*

SCENA 3.^a

A MESMA E MANRIQUE.

MANRIQUE.

(Ao atravessar a scena, repara em Elfride) Olé!... tentos embarcação á barra!... (*Procura occultar-se*).

ELFRIDE.

(*Entre adormecida e acordada*) E sobretudo de meu irmão, de meu desditoso irmão, que muito me lembro saudosa... Que feito será d'elle?... Talvez esteja já morto... oh!... (*adormece*).

MANRIQUE.

Não tem que ver... deu fundo. Ora vejamos que carga traz. (*Reparando no embrulho*) O' lá! um embrulho! — é contrabando — bifado está... (*Reparando em Elfride*) E que gentil que é o mocetão!... e como dorme!... Bofé! que é a cara mais linda de rapaz, que ha muito não vejo por estas alturas!... Mas vamos ao que serve: em primeiro lugar, passar-se-ha um minucioso exame á trouxa... que assim o mandão os nossos estatutos... (*desatando a trouxa*) e em segundo lugar, buscaremos traça de alliviar o viandante do peso da capa... que não é má... Um vestido!... outro vestido!... uma caixinha!... O' diabo!... por esta não esperava eu! vejamos o que contém: um retrato!... e que rica guarnição!... que bem acabada que está a pintura!... é o retrato de uma senhora já meia idosa, e que muito se parece com este lindo cavalheiro... oh!... sem duvida é o retrato da mamã... pois, senhor retrato, tenha a bondade de accommodar-se nesta algibeira que assim o mandão os nossos estatutos... Agora, amarraremos o embrulho, e iremos á capa do amigo, que assim também o mandão os nossos estatutos.

ELFRIDE.

(*Sorhando*) Como sou desgraçada!

MANRIQUE.

(*Admirado*) Que!... que diz elle? ... desgraçada!

ELFRIDE.

Que filha haverá no mundo... mais infeliz... do que eu?...

MANRIQUE.

Ei... Filha!... mais... infeliz... do que ella?... será mulher?! (*Tira a gorra, e coça a cabeça*) Quem dera que tal fosse! e os diabos me carreguem, se o não parece... Sim! estes sonhos... os vestidos da trouxa, o retrato... oh! fortuna inesperada!... Mas não, o rapagão naturalmente conversou hoje com alguma rapariga, e esta, sendo infeliz ou velhaca, desandou-lhe com as lamurias do costume, e o homem ficou com a *lenga-lenga* nos cascos. Ora aposto que não é outra cousa, e que estes sonhos são filhos da conversa. Porém... (*Attentando em Elfride*) Estes labios cor de rosa... este bello rosto... esta esbelta figura... oh! fazem crer que mulher seja... oh! acaso! que feliz seria a presa, se tal acontecesse! Quero certificar-me... (*hesitando*) porém não!... melhor será esperar que acorde. Entretanto, occultar-me-hei atraz daquellas arvores, e dali observarei seus passos, ouvirei sua voz, para melhor certificar-me se é *elle ou ella* (*Occulta-se*).

ELFRIDE.

(*Sonhando, alto*) Já morrerão... pae e mãe! Meu irmão... quem sabe d'elle?!... Há já 10 annos... tão longos como a eternidade... tão mortificantes como a solidão em que vivo!... desaparecerem!... vive em longos terrasi... está morto!... (*Pausa*) Géos! livrae-me d'elle!... do barbaro tutor que ahí vem roubar-me a honra... a honra!... unico bem... unico thesouro que me resta!... soccorro!... (*Afflicta*) soccorro!...

MANRIQUE.

Temos agua na fervura, se esta figura de macho não é uma mulher disfarçada!...

ELFRIDE.

(*Ajoelhando maquinalmente, no auge da maior afflicção*) Senhor! Senhor... que me fazeis as vezes de pae!... conjuro-ves pelo céo que me deixeis!... Deixae-me por piedade!... (*Accordando, inteiramente agitada, e como de*

um grande pezadello) O' meu Deus!... onde estou eu?... que foi isso que se passou?... (*Esfregando os olhos*) Durmo ou vélo!... Ah! que angustias soffreu este meu pobre coração durante este tão breve espaço, em que, cedendo á fadiga, venceu-me o somno! Nem assim, nem nesse estado que simula a morte, posso esquecer esse homem barbaço, que meu tutor se chama, e a quem, nas agonias da morte, minha infeliz mãe confiara em boa fé minha juventude e o futuro destino de meus dias!... estortegava-me medonho sonho! parecia-me ver o monstro, ardendo em brutal insania, surprehender-me em um sombrio bosque, para onde me levára o desejo de occultar minhas lagrimas, e considerar — sozinha — todo o horror da minha situação... seu olhar, ferozmente meigo, balbuciando vozes, que mal podia perceber... indicava bem o fim sinistro que lho palpitava na mente... oh! que horror!...

MANRIQUE.

Noves fóra, nada... estou enfim desenganado! É ella, e não elle. Falta-me ver agora o que fará nos apuros em que se acha.

ELFRIDE.

Adiantada deve já ir a noite. Onde estou? que devo fazer?... sozinha! abandonada no meio destes bosques, exposta a...

MANRIQUE.

(Apparecendo de surpresa) A nada, senhor! A vosso lado está um... um amigo.

ELFRIDE.

Ah!

MANRIQUE.

(À parte) Finja-se que ignoro seu disfarce. *(Para Elfride, procurando ameiçar-se)* Então, meu joven senhor? Nada de sustos!... Estes trages... estas armas... e, até mesmo, a ferocidade deste rustico semblante... nada mais são do que attributos da profissão que sigo... sou um homem de guerra, não vedes?... algures, nos chamão salteadores de estrada... mas, onde a differença? Na mudança de nomes... nada mais!... Vamos pois, galante cavalheiro!... acceitae, acceitae a boa vontade *(endireitando-se com presumpção)* com que desejo ser-vos prestavel... Olhae que,

d'aquí a pouco... se a tropa chega, ou o commandante... talvez, talvez... vos arrependaes...

ELFRIDE.

Como, senhor? Pois eu...

MANRIQUE.

Só por só, aquí, estaes exposto a mil perigos... acompanhado por mim, nada vos succederá. Fiae vos no que vos digo! Cá com a pessoa ficaes muito bem servido...

ELFRIDE.

(*A parte*) Céos! inspira-me um tal recio a presença deste homem...

MANRIQUE.

Olhae... se estas armas são o que vos impede, eu as lanço para longe de mim... (*desprende o cinto d'armas, e o lança longe de si para o lado de Elfride*) Creio que com isto dou-vos soheja prova de que nenhuma intenção hostil nutro a vosso respeito...

ELFRIDE.

(*Entre embarcada e resoluta*) Sr., qualquer que seja a minha situação presente, não hei mister de auxilio algum... Agradeço vossos bons desejos e todos os vossos offerecimentos... Bem vêles que a tormenta parece ter cessado... Aquelle cêpo e aquella arvore que bem copada é... dar-me-hão gualhada. Uma noite depressa passa... seguirei meu caminho aos primeiros alvôres da manhã...

MANRIQUE.

(*Resentido*) Recusaes então.

ELFRIDE.

(*Timorata*) Não recuso; demonstro apenas a inopportuni-dade de vossos serviços.

MANRIQUE.

(*Impondo*) Pois bem, Senhora...

ELFRIDE.

(*Estremecida, e percorrendo a scena com os olhos, como em busca de protecção*) Como... Senhora!... que quereis com isso dizer?!

MANRIQUE.

Quero dizer que, o que recusa o supposto cavalheiro, obrigarei a que accerte a j. ven fugitiva que, uma vez entranhada nestas florestas, tornou-se presa do primeiro saltador que a encontrou... Vinde (*agarrando-a pelo braço*) sois minha; nada de dilações; vinde... segui-me!...

ELFRIDE.

(*Aterrorisada e supplicante*) Graça!... graça!... Pois que penetrastes o mysterio que me encobre... apiedae-vos... apiedae vos da minha mesquinha sorte!...

MANRIQUE.

Segui-me!... (*Sopasando-a por ambos os braços, e puxando-a para fora da scena*) Segui-me!...

ELFRIDE.

(*Afflictiſsima*) Oh! eu morro!... quem me acode!... acudão-me!... acudão-me!...

MANRIQUE.

Debalde bradaes! vinde!... Não ha por estes desertos mais habitantes que os saltadores... Por bem, ou por força haveis de seguir-me.... (*Redobrando de esforços*) Se algum viesse, seria para auxiliar-me... Vinde... vinde!.....

ELFRIDE.

(*Subjugada, e quasi a rastos*) Graça!... soccorro! soccorro!...

SCENA 4.ª

OS MESMOS, E RAMIRO.

(*Embuçado em uma longa capa, desce precipitadamente das montanhas, acudindo aos gritos de Elfride. Ao chegar em scena, Manrique larga subitamente Elfride, que vai cahir sobre um joelho, do outro lado da scena, e depois se arrasta até Ramiro.*)

RAMIRO.

Que se passa aqui? quem brada soccorro?

ELFRIDE.

(Arrastando-se de joelhos) Eu, senhor!... eu, cujo braço, ainda muito novel, não pôde nem sabe manejar uma espada!... eu, que, desde já, e sem que vos conheça, colloco-me debaixo de vossa protecção como de um anjo salvador que o céo me envia!... ali o monstro!...

RAMIRO.

Um saltador!... Que intentos erão os teus, malvado, sobre este joven inerte?...

MANRIQUE.

E vós quem sois que assim ousaes impedir-me os passos?...

RAMIRO.

(Tirando e engantilhando uma pistola) Vou dizer-t'o, fazendo saltar-te o craneo em mil pedaços!...

MANRIQUE.

(Levando a mão ao cinto) Ou eu a ti, meu cavalheiro andante.... *(Elfride neste acio desmaia. Ramiro, sem largar a arma, vae soccorrê-la. Manrique, sentindo-se desarmado, e prevalecendo-se da distracção com que Ramiro se occupa de Elfride, recua até os bastidores, apita e foge, depois de dizer :)* Não tardarei a ser contigo *(sake pela direita).*

SCENA 5.ª

OS MESMOS, MENOS MANRIQUE.

RAMIRO.

(Com raiva concentrada) Oh! que não possa eu seguir-te, para punir-te a audacia!...

ELFRIDE.

(Tornando ligeiramente a si) Ah! que espessa nuvem me opprime o peito!...

RAMIRO.

(Ajudando-a a erguer-se). Eia pois! Tornae em vós. Fóra de nossas vistas está em fim esse assassino, vil e covarde, que

vos insultava, e de cujas garras eu me dou o parabem de ter chegado a tempo de vos salvar. . . . pena é que o vosso deliquio lhe dêsse azo para escapar-se. Vamos. . . . erguei-vos! . . . *(ajudando-a)* e confiae de mim vossa defesa. Sentis-vos capaz de seguir ávante? Perigoso é este bosque, onde de ha muito se occulta uma formidavel quadrilha de salteadores, que as justias d'El-Rei não puderão ainda alcançar. . . . Animo! . . . Se vos agrada, afastemo nos quanto antes daqui, pois é natural que o bandido contra nós voite, acompanhado dos seus, a quem, ao retirar-se de nossa presença, deu com um apito signal de rebate . . . a tal succeder, bem vedes que não somos sufficientes para fazer-lhes frente. . . .

ELFRIDE.

(No tom o mais expressivo) Prompto sou a seguir-vos. . . . a lembrança do passado perigo, e do que, agora, por mim podeis correr. . . . restaura-me as perdidas forças. . . . Nobre e destemido cavalleiro! . . . a bravura heroica com que voástes a defesa de um joven, para vós inteiramente desconhecido. . . . ficará eternamente gravada em minha memoria. . . . Devo-vos a vida. . . . mais do que isso vos devo. . . . devo-vos. . . . Oh! por quem sois! . . . desculpa, se abafos segredos. . . . e se minhas palavras . . . não correspondem aos sentimentos que me dominão, e que a mais devotada gratidão me impõe. Vós mesmo porém sois o primeiro a reconhecer as consequencias de maior demora nestes medonhos sitios. . . . Baste-vos saber que eu fugia a uma perseguição horrorosa. . . . que o temporal desviou-me do caminho que conduz á casa de um parente respeitavel a que me ia soccorrer. . . . e que seria victima desse barbaro malfeditor, se o céu, que vela sobre os innocentes, me não deparasse tão promptamente o vosso auxilio. . . . Oh! eu finaria de remorsos, se, depois de escapar da morte por vosso valor, vós perdesseis a vida pela minha fraqueza. . . . vamos! . . . vamos!

RAMIRO.

Sim, vamos! . . . porém, não mais falleis no pequeno serviço que acabo de render-vos. Ramiro de Rustald, Senhor do Castello d'Oppenheim, desdouraria seu titulo de cavalleiro e o honrado brazão de seus avós, se d'outra fórma procedesse. . . . Vamos, o tempo urge. Padera levar-vos ao meu castello; a escuridão porém da noite nos extraviaria. Sigamos á estalagem que mais perto d'aqui fica, é a do velho Frank. Lá passaremos o restante da noite, e comprometto-

me a dar-vos, d'amanhã por diante, melhor hospedagem, e todos os meios de facilitar vossa jornada.... Quereis dar-me vossa mão em signal de perpetua amizade?...

ELFRIDE.

Eil-a! .. (*À parte*) O' meu Deus! que iousitado sentimento me faz pulsar o coração! !...

RAMIRO.

O vosso nome?

ELFRIDE.

Henrique Morel.

RAMIRO.

(*Surpreso*) Henrique Morel! (*Para Elfride*) Joven Henrique Morel!... Um presentimento occulto que a um instante me sopêa.... diz-me que este encontro. . . que esta fatalidade de hoje... é o primeiro anel de uma grande cadêa que no futuro tem de ligar nossos destinos.... Henrique Morel! a fé de cavalleiro que sou, juro-vos amizade até morrer!

ELFRIDE.

Igual amizade e toda a sua gratidão Henrique Morel jura votar-vos até morrer....

AMBOS.

Vamos! (*Sahem pela esquerda*)

SCENA 6.ª

ROBERTO E MANRIQUE.

(*Roberto, entrando pela direita, espavorido, com um retrato em uma mão, e na outra uma lanterna, seguido de Manrique*)

ROBERTO.

(*Depois de percorrer a scena como pesquisando*) Ah.... onde está ella.... onde a vistes?... em que lugar seus pés tocãrão a terra?... onde o terreno orvalhado pelas suas lagrimas?... onde é que ella clamava por seus paes, por seu irmão!.... (*Encarando o retrato e curvando-se pouco a pouco até ficar de joelhos*) Ah! perdão, perdão minha mãe... perdão para vosso filho, não amaldiçoeis o pobre Roberto que tanto vos amou!.... o filho que tanto acariçaveis! Oh! elle foi bem ingrato, é verdade, mas nunca de seu coração vos se

parou, na solidão dos bosques, rogava a Deos por sua mão!...
(*levanta-se mudando de tom*) Mas vós não me ouvís, não atendeis aos rogos de vosso filho... Minha mãe!... minha mãe!... de sobejo os remorsos tem-me ralado a alma... basta de soffrer... eu ainda sou Roberto... Roberto Morel, o vosso filho!...

MANRIQUE.

Eu não sabia que tanto mal vos poderião causar as minhas palavras... ignorava que essa menina fosse vossa irmã... e que o retrato pertencesse á quem vos deu o ser.

ROBERTO.

Ah! Manrique!... que ouvistes mais?... que fez o valente defensor de minha irmã?...

MANRIQUE.

Disse-vos já o que o cavalleiro havia feito; quanto a ella, ouvi-a queixar-se de um homem a quem chamava o seu tutor... de um homem que a perseguia... obrigando-a a occultar as suas lagrimas, a fugir ás suas perseguições... pois que a queria forçar a...

ROBERTO.

Prosegue... queria forçar-a a...

MANRIQUE.

A manchar sua honra!

ROBERTO.

Oh!... inferno!... monstro!...

MANRIQUE.

Mas ella, sempre honrada, defendia-se!... e para evitar a deshonra fugio á sua contumacia, disfarçada em trago de homem!

ROBERTO.

Elfride! Pobre Elfride!... Vingança sobre o malvado! E o nome do monstro?...

MANRIQUE.

Não o pronunciou:

ROBERTO.

Não o pronunciou?!... Oh! maldição!... Manrique, parte a avisar os nossos companheiros e dirige-te para o lado da Estalagem onde devo pernoitar, embuscai a gente perto dessa casa, e, ao romper da madrugada, continuaremos a marcha.

MANRIQUE.

E qual é o vosso destino?

ROBERTO.

Sabel-o-has depois... obedecer!...

MANRIQUE.

Parte a obedecer-vos (*sai*).

SCENA 7.^a

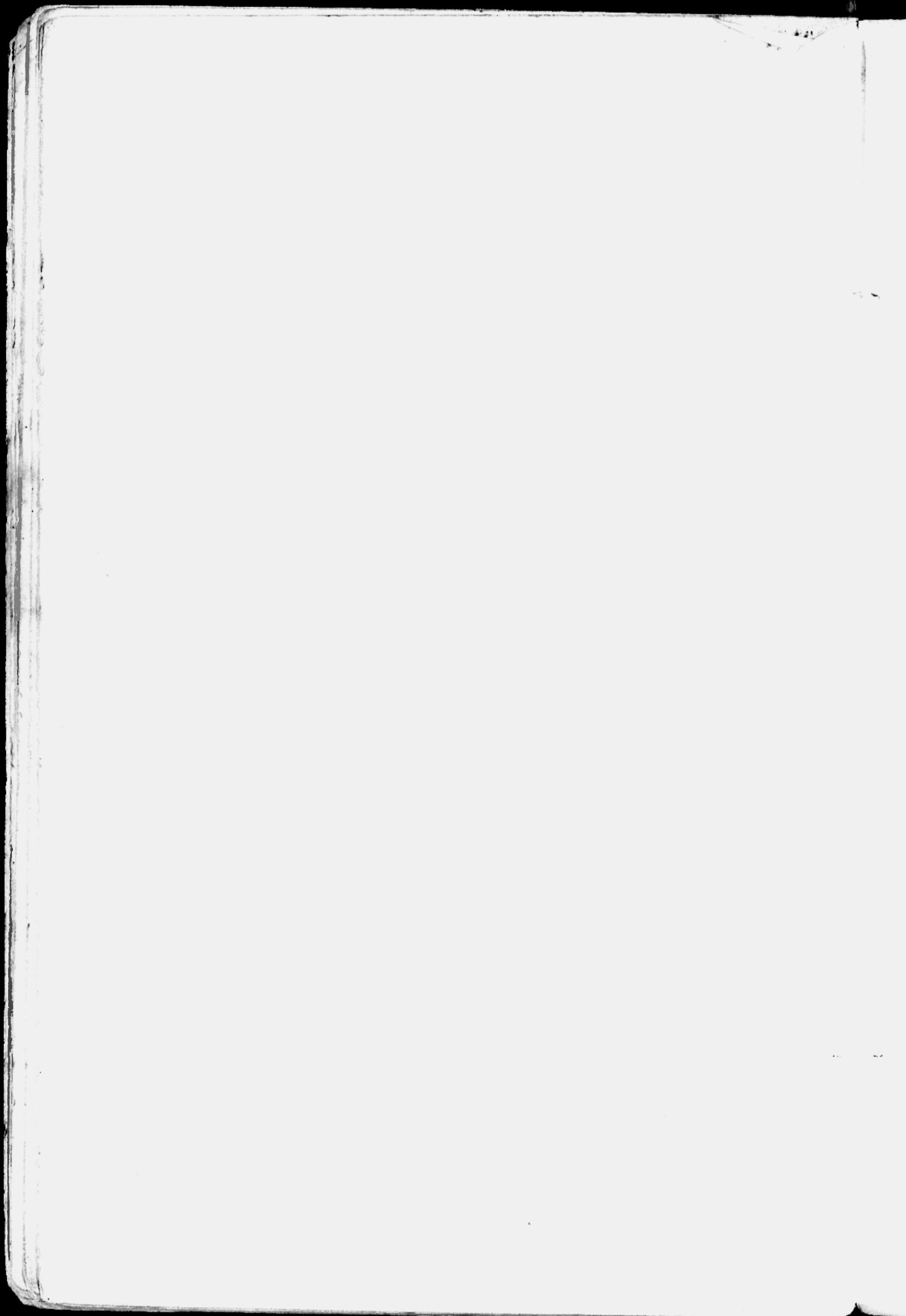
ROBERTO (*só*).

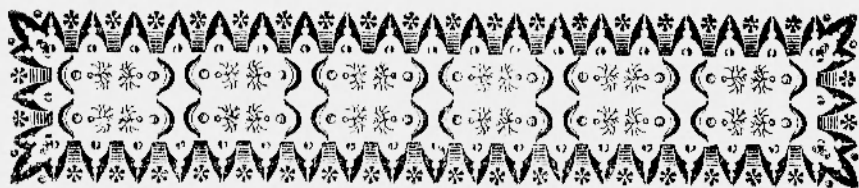
E eu seguirei os passos da infeliz... por toda a parte tomarei informações d'ella... passarei a noite em casa de Frank... e depois... Oh! Deus! indica-me o recinto em que ella se abriga!... (*Sai pela esquerda*).

FIM DO PRIMEIRO QUADRO.

SEGUNDO ACTO.

O RECONHECIMENTO.





ACTO II.

QUADRO II.º

Estalagem. Porta e janela ao fundo; quartos aos lados; duas mesas e cadeiras occupão, de um a outro lado, a boca da scena. À D., se acha Elfride sentada, apoiando a cabeça sobre os braços como dormindo. Toda a scena está obscura; apenas ha uma luz sobre a mesa em que dorme Elfride. Logo que sobe o pano, reina por alguns instantes o silencio.

SCENA 1.ª

ELFRIDE (*só*).

(*Acordando delirante*) Oh! por piedade, deixae-me!... deixae-me... (*pequena pausa, e tornando a si*) Que horrivel sonho a mente me exacerbou!... sinto um frio intenso gelar-me os membros... os cabellos se me eriçãõ!... meu Deos! será esta uma daquellas tão terriveis realidades que no volver da vida se apresentão?... basta de soffrer o rigor de um tão injusto destino... Só no mundo, apenas um ente desconhecido pretende libertar-me do horror que me cerca! E eu misera, ousarei dizer-lhe quem sou?... poder-lhe-hei contar os perigos iminentes que por vezes tenho affrontado?... ousarei relatar-lh'os?... (*chorando*)

Oh! minha mãe!... minha mãe!... lança um olhar piedoso lá desse sacro abrigo sobre a desventurada filha, que, errante nos caminhos marulhosos da vida, só confia na vossa protecção, na suprema bondade desse Deos, justo e benigno. (*levantando-se*) Mal sabeis que o deposito que no leito de morte confiastes a esse indigno conde de Hatsenfheld, tem sido tão vilipendiado, mal sabeis que tem escarnecido das vossas cinzas, precioso deposito que de vós me resta minha mãe! ainda tenho diante dos olhos o aspecto desse homem máo, cujos olhos seintilavão faiscas infernaes.... parece-me que me sinto arrastar por um braço de ferro.... ainda ouço promessas horrorosas!... Oh! minha rasão desvaira ante um tão horrivel quadro!... Dae-me, meu Deos força bastante para soffrer até ao fim o meu destino, dae-me coragem para affrontar os perigos a que me vejo exposta! (*enxuga os olhos, e de novo senta-se; dão onze horas*) oito.... nove.... dez.... onze.... derão onze horas e ainda faltão 5 para a partida. (*Ouve-se fallar gente da parte de fora, estrepito de cavallos, chicotadas &c.*) Que ruido será este?... gente se avisinha.... quem será a taes deshoras? (*batem á porta*) Oh! meu Deos! (*pancadas na porta mais fortes*).

FRANK.

(*Da parte de fora*) Abri, senhor, sou eu!...

ELFRIDE.

(*Indo á porta e abrindo*) Podeis entrar.

SCENA 2.

ELFRIDE E FRANK.

FRANK.

(*Entrando pela porta lateral. E.*) Perdoae o incommodar-vos. Um viajante que acaba de chegar, carece de um quarto. Como não haja nenhum disponivel, lembrei-me de importunar-vos. Vale a pena servir esse viajante, desejava mesmo ser-lhe util, e se quisesseis ceder o vosso quarto....

ELFRIDE.

Ceder o meu quarto!...

FRANK.

Que quereis que vos faça? É um cavalleiro de grande nomeada, e que muitas vezes vem caçar por estas matas.

ELFRIDE.

Mas nesse caso tenho eu de desalojar-me para servir esse cavalleiro!

FRANK.

Podieis accommodar-vos no quarto do vosso companheiro.

ELFRIDE.

(*A parte*) Se fôra homem, podel-o-ia aceitar.

FRANK.

Então o que decidis? Não façais esperar muito o senhor conde. . . .

ELFRIDE.

O senhor conde, diseis? . . .

FRANK.

Sim, o senhor conde de Hatsenfheld.

ELFRIDE.

(*Horrisada*) De Hatsenfheld! . . . (*à parte*) O meu tutor! Podeis desde já tomar conta do quarto.

FRANK.

(*Retirando-se*) Mil vezes obrigado, meu cavalleiro. (*A parte*) Não foi má pechincha! (*sahe*).

SCENA 3.^a

ELFRIDE (*só*).

Grande Deos! será possível que ainda de todo se não tenha esgotado o calix d'amargura que devo tragar? Curvae-me ao peso de mil martyrios, porém salvae-me a honra, salvae-m'a, meu Deos! (*Vae ao quarto de D. Ramiro e bate*).

RAMIRO.

(*Da parte de dentro*) Quem está ahí?

ELFRIDE.

Sou eu, abei. . . . abri de pressa!

RAMIRO.

(Abrindo a porta) Ah! sois vós, Henrique? que preten-
deis! *(vindo á scena)*.

SCENA 4.

ELFRIDE, E RAMIRO.

ELFRIDE.

Fui obrigado a ceder o meu quarto ao dono da Estalagem,
que ardentemente o sollicitava para um hospede, a quem de-
sejava servir, e deste modo. . . .

RAMIRO.

Vindes pedir-me gasalhado, não é assim?

ELFRIDE.

Sim. . . . porém. . . .

RAMIRO.

Entrae, nada de ceremonias entre amigos.

ELFRIDE.

Porém é que. . . .

RAMIRO.

Ora vamos, pareceis criança. . . . *(vão-se para o quarto)*

SCENA 5.

FRANK, E HATSENFELD.

FRANK.

Eis-aí o vosso quarto. Determinaes mais alguma coisa

HATSENFELD.

Não. . . . nada mais.

FRANK.

Nesse caso, senhor conde, desejo-vos uma boa noite.

HATSENFELD.

Boa noite (*retira-se para o quarto indicado, e Frank por onde entrou*).

SCENA 6.

RAMIRO, E ELFRIDE.

RAMIRO.

(*Sahindo do quarto*) Não fazeis bem em não querer aceitar o quarto que tao generosamente vos offerto. A minha cama é larga, e dois viajantes facilmente se accomodão.

ELFRIDE.

De sobejo vos tenho eu incommodado, demais facilmente passarei o resto da noite nesta sala.

RAMIRO.

Mas bem vedes que o ar frio da noite e o máo commodo não podem por modo algum ser-vos favoraveis, e assim se aproveitasseis o ensejo . . .

ELFRIDE.

Causar-vos-hia incommodo. Tenho um máo dormir e maneiras muito desabridas, desde a infancia estou acostumado a dormir só.

RAMIRO.

Pois bem, senhor desinquiêto, na minha cama ha dois colchões, posso desfazer-me de um, e, dormindo separados, nem por isso deixaremos de dormir no mesmo quarto.

ELFRIDE.

Tambem não accetto.

RAMIRO.

Então o que é que accitacs, senhor esquisito?

ELFRIDE.

Recostado naquella cadeira, passarei o resto da noite.

RAMIRO.

Ora ahi está o que se chama uma grande inconsequencia.

ELFRIDE.

Desculpae, senhor, mas não posso vencer o meu constrangimento.

RAMIRO.

Sempre pensei, visto que bateste á porta do meu quarto, que podia ser-vos prestavel em alguma cousa. . . .

ELFRIDE.

Não faltará occasião em que o sejaes.

RAMIRO.

Com que então a vossa resolução é immutavel?

ELFRIDE.

Neste caso o será.

RAMIRO.

Pois, então Deos vos conceda boa noite, e um somno benéfico para esquecer a dureza do leito.

ELFRIDE.

Boa noite, meu amigo (*Ramiro retira-se para o seu quarto*).

SCENA 7.

ELFRIDE (*só*).

Difficil tem sido o desempenho do meu papel! Oh! Como nunca, aguardo a madrugada para poder furtar-me ás vistas do meu perseguidor. Se pudera agora mesmo afastar-me desta funesta estalagem. . . mas inutil seria; aquella porta (*apontando para o fundo*) está fechada; ali, dorme o malvado, aqui, o meu protector que sem dvida acordaria ao primeiro movimento que eu fizesse para evadir-me. Oh! que alternativa! Não ha remedio senão entregar-me nos braços do destino. Logo que raiar a aurora, tratarei de furtar-me aos olhos de Hatsenfheld, e de induzir o meu protector sob qualquer pretexto a partir. Avançada vae a noite. Vejamos se posso conciliar por alguns instantes o somno (*senta-se, apaga a luz e apoia os braços e a cabeça sobre a mesa*).

SCENA 8.^a

A MESMA, FRANK E ROBERTO.

FRANK.

(Entrando pela porta lateral) Está escuro como breu! Esperae que vou traser-vos uma luz. *(vae-se)*.

SCENA 9.^a

OS MESMOS, MENOS FRANK.

ROBERTO.

Fiz-me enfim na estalagem! Aqui passarei o resto da noite; e logo que raiar a madrugada, continuarei a minha obra!

SCENA 10.^a

OS MESMOS, E FRANK.

FRANK.

(Trazendo luz) Muito sinto não poder offerecer-vos melhor commodo que o que estaes vendo. Os quartos e camas estão occupados. Aquelle viajante que ali vedes, teve de conformar-se com um tão pessimo agasalho.

ROBERTO.

É o mesmo, não vos incommodeis. Aqui estarei a meu gosto. Imitarei aquelle viajante que tão tranquillo dorme.

FRANK.

Pretendeis mais alguma cousa!

ROBERTO.

Nada mais preciso.

FRANK.

Nesse caso, Deos vos depare boa noite.

ROBERTO.

Boa noite.

FRANK.

(A parte) Este tem cara de desmamar crianças! *(vae-se)*.

SCENA II.

OS MESMOS, MENOS FRANK.

ROBERTO.

(Tirando a capa e sentando-se, depois de uma pequena pausa) Dez annos ha. . . que máo grado um destino impiedoso, lucta em vão meu coração; despedação-se minhas ideias d'encontro a um poder de ferro, que abrange, que sopêa, que destroça, que anniquilla minha vontade! Eu merecêra um sorriso desse injusto destino! De que serve viver vida de tormentos e dores, se no mesmo terreno em que piso, no mesmo mundo em que habito, á mesma hora em que minha mente se abrasa, um ente talvez indigno, gosã as delicias da existencia! *(depois de curta pausa em que se entrega á reflexão)*. Oh! mas eu tenho uma irmã, um ser em cujas veias corre sangue meu, que é forçoso encontrar, não obstante as barreiras que ante mim e ella se levantão! De balde tenho corrido as fragosidades dos montes, affrontado o horror das selvas. nem um só vestigio tenho colhido que me revele o lugar em que se acha! E que importão essas fadigas por que tenho passado, se de um a outro angulo do Universo pretendo dirigir meus passos. . . se tenho um coração onde pulsao os mais nobres sentimentos! . . . *(exaltado)* se tenho um punhal para vingár-me do mais minimo insulto! . . . *(levanta-se)* Oh! sim, vingár-me desse ente abjecto que em vão me faz arder entre as lavas do horrivel inferno! . . . ensopar a ponta deste agudo ferro no peito do sclerato author de minhas desventuras! *(moderando-se)* Oh! se souberas. Elfride, o que hei passado neste longo periodo, em que o ardor de recuperar-te me tem tornado um vagabundo sem nome e sem fortuna, se souberas que a esta hora penso em ti, que. . . *(compungido)* uma lagrima vertida de meus olhos e santificada pelo amor fraternal e sincero. te é dedicada, que não dirias? . . . Minha irmã! . . . minha irmã. . . *(pausa)* Já em demasia tenho esgotado meus soffrimentos. . . minhas dores. Avangada vaê a noite, e sinto que careço de algum repouso. . . *(olhando Elfride)* Como dorme aquelle viajante tão serenamente. Initemollo: o somno já pesa em minhas palpebras. Oxalá a aurora que prestes vaê romper, apresente ao meu espirito a distração de que carece! *(apaga a luz, encosta a cabeça entre os braços e adormece)*.

SCENA 12.^a

OS MESMOS, E HATSENFRELD.

HATSENFRELD.

(*Sahindo do seu quarto com uma luz*) Tudo jaz em silencio (*reparando*) Oh! dois viajantes!... não façamos ruido. Vejamos que tal está a madrugada (*abre a janella do fundo*). Está bem serena!... daqui a alguns momentos poderei partir (*fecha-a*). Quem serão estes viajantes? Se por elles podesse colher algumas insinuações. Pode ser que sejam conhecidos. (*aproximando-se para o lado de Elfride*) Mas que!... acordal-os seria uma imprudencia; esperemos pelo dia que pouco deve tardar (*chegando-se para a mesa de Elfride, e reparando no livrinho de orações*) Este livro!... que parecido!... (*abrindo-o*) que vejo!... Grande Deos! pertence a Elfride Morel! Este era o seu livro de orações. Este viajante sem duvida deverá saber della, acordemo-lo... mas não... não... para que perturbar-lhe o repouso. Daqui a pouco poderei ter com elle uma mais dilatada conferencia. No entanto retiremo-nos, poderia elle acordar. Vou emfim saber novas della! Oh! minha boa estrella! (*retira-se para o seu quarto, levando a luz*)

SCENA 13.^a

OS MESMOS, MENOS HATSENFRELD.

ELFRIDE.

(*Levantando a cabeça, e esfregando os olhos*) Que noite tão triste tenho eu passado! Não será ainda tempo para a partida? Tarda-me tanto esse momento! Tomára já deixar estes lugares funestos afim de evitar a presença do monstro! Oh! meu Deos!...

RAMIRO.

(*Da parte de dentro do quarto, distinctamente*) Oh! não me fujas!... vem a meus braços.

ELFRIDE.

Esta voz é a de D. Ramiro! (*levanta-se dirigindo-se para o quarto de D. Ramiro*).

SCENA 14.^a

OS MESMOS, E RAMIRO.

RAMIRO.

(Sahindo do quarto, vem pé por pé procurando Elfride que encontra no meio da scena) Sois vós, Henrique?!...

ELFRIDE.

Sim, sou eu D. Ramiro.

RAMIRO.

Pois já acordado?

ELFRIDE.

E verdade... porém dizei-me com quem fallaveis!... quem existe no vosso quarto?

RAMIRO.

Qual!... pois quem havia de ser? Fui acordado por um sonho encantador... um sonho delicioso...

ELFRIDE.

Como assim!

RAMIRO.

E verdade... Imaginae... ora vêde... porém, deixae-me primeiro reunir as ideias. *(à parte)* Vejamos o effeito que produz! Agora me lembra. Sonhei, que estaveis a meu lado; que ambos nos occupávamos em conversar em differentes assumptos e que estando eu em duvida sobre o vosso sexo... *(estremece Elfride)* me haveis dito francamente: D. Ramiro, tenho illudido a vossa perspicacia, eu sou mulher, e para logo, desfasando-vos dos vestidos de homem que vos cobrião, apparecestes a meus olhos debaixo das formas mais seductoras!...

ELFRIDE.

(Dissimulando) Oh! que boa graça... acreditaes por ventura em sonhos?

RAMIRO.

Não, seguramente; comtudo elles ás vezes contém certos avisos do céo...

ELFRIDE.

Ora, não penseis em tal!

RAMIRO.

Está bom, prescindamos do sonho, e vamos discutir uma outra ideia. Tenho notado pelo vosso ar, as vezes distraído, pelas vossas maneiras, que um objecto preoccupa-vos a mente. Ora dizei-me, acaso estarieis enamorado?

ELFRIDE.

Eu!... e de quem?... De novo gracejaes, não é assim?

RAMIRO.

Posso asseverar-vos que não. Pareceu-me que esse seria o motivo da vossa distracção. Inclino-me comtudo a crer, que se não estaes enamorado, pelo menos já o estivestes. Em summa, com muita habilidade desempenhaes o vosso papel.... *(agarrando-lhe respeitoso na mão)* Ora vamos, franqueza, meu Henrique, não sois mais que uma linda dama, a quem talvez um fado adverso persegue....

ELFRIDE.

D. Ramiro!...

RAMIRO.

(Com interesse) Está bem amigo, não vos piqueis por uma leve conjectura.

SCENA 15.^a

OS MESMOS, E FRANK.

FRANK.

(Entrando com uma luz) Eis-me ás vossas ordens, senhores cavalheiros.

RAMIRO.

Que pretendeis?...

FRANK.

Como me haveis pedido, vinha agora acordar-vos.

RAMIRO.

Pois que?... a taes horas? *(dão 4 horas)*.

FRANK.

Ahi tendes, quatro horas estão soando. (*indo a janella do fundo*) Reparai como a aurora vem nascendo!

ELFRIDE.

(*À parte*) Graças, meu Deos! (*para D. Ramiro*) Amigo, é justo que partamos, não percamos tempo, lembrai-vos que não estamos muito seguros, estes lugares são perigosos, e sempre atulhados de salteadores.

RAMIRO.

Sim, devemos partir. (*à parte*) Maldito seja o inferna! madrugador!

SCENA 16.

OS MESMOS, E HATSENFRELD.

HATSENFRELD.

Bons dias, cavalheiros!

RAMIRO.

Deos vos dê os mesmos.

ELFRIDE.

(*À parte*) Meu Deos!... livrai-me delle!...

HATSENFRELD.

(*À parte*) Qual será o dono do livrinho?

RAMIRO.

(*Indo à janella do fundo*) Está fresca a manbã!

HATSENFRELD.

(*Esfregando as mãos*) Propria para jornada....

ELFRIDE.

(*Desde a entrada de Hatsensfeld, tem procurado occultar-se às suas visias. À parte*) Oh! livrai-me meu Deos!... livrai-me!

FRANK.

Então, senhores, que deliberaes?

RAMIRO.

Deixae que alvoreça mais, e em seguida mandae preparar os cavallos (*Frank sahe pela porta do fundo, deixando-a cerrada. A porta é aberta com uma chave que tira do bolso*).

SCENA 17.

OS MESMOS, MENOS FRANK.

HATSENFELD.

Procurando conhecer o dono do livro, encara Elfride que já não pôde mais occultar seu rosto) Meu Deos, que vejo?!... Sois vós, Elfride!... e como podestes em tal trage!...

ELFRIDE.

(Cahindo desmaiada nos braços de D. Ramiro que se tem aproximado) Ah!!!...

RAMIRO.

(A parte) O sonho foi realidade! *(para Hatsenfeld)* Que significa isto, senhor?

HATSENFELD.

Nada mais que uma donzella que se furta ao poder do seu tutor, e pretende viajar sob a forma de um incognito...

RAMIRO.

Porem, senhor, advirto-vos que alguma cousa ha entre vós e essa donzella. A vossa presença lhe infundio tamanho horror, que causou-lhe um desmaio que podera ter serias consequencias.

ELFRIDE.

Levanta pouco e pouco a cabeça, tornando a si do desmaio, e encarando Hatsenfeld: para D. Ramiro) Por piedade!... livrai-me deste homem!

RAMIRO.

Bem vedes que reclama o meu auxilio e por tanto cumpreme defendel-a. Quem quer que seja esta donzella... quaes sejam as vossas preteações, não o pretendo saber.

HATSENFRELD.

Já esperava por essa resistencia, porém se a brandura for inefficaz, por meio da authoridade que exerço sobre essa vagabunda, juro-vos que a heide colher ás minhas mãos.

ELFRIDE.

(*Animada*) Vossa authoridade, senhor! E com que direito ousaes invocal-a? Que direito tem o tutor sobre sua pupila, quando calando em seu peito sentimentos de honra, lhe faz ignominiosas propostas?... quando esquece o brio, o pundonor que devera tingir-lhe as faces criminadas por uma vida indigna, de extravios e devassidão? quando olvida o respeito que devera infundir a uma criança orphã, cuja mãe lh'a havia confiado como um deposito sagrado!... quando renega o juramento proferido no leito de uma moribunda! Que direito tem ao vosso poder essa orphã ultrajada impunemente?... dizei-o, homem desnaturado!... E ainda ousaes apparecer em face a essa donzela que vos abomina, que vos amaldiçoa!

HATSENFRELD.

(*A parte*) Que tenho ouvido! (*Para Elfride*) Conjuravos a que quanto antes me sigaes, não me forceis a usar de violencia!...

RAMIRO

Violencia!... e uzal-a-heis na minha presença? Deveis saber que não soffro impunemente uma affronta, momento neste caso em que me constituo protector de uma orphã que quereis covardemente violentar.

HATSENFRELD.

Covardemente!... Primeiro que tudo, senhor, poderei saber a quem me dirijo?

RAMIRO.

Fallaes com o cavalleiro D. Ramiro de Rustald, filho do poderoso Barão de Altorff.

ROBERTO.

(*Levanta um pouco a cabeça como prestando attenção*)

HATSENFRELD.

Pois sabeí, senhor D. Ramiro de Rustald, que eu sou — o Conde de Hatsenfrelde, — tator de Elfride Morel!

ROBERTO.

(Levanta-se espavorido, e vai cahir sentado no lado opposto em que estava) Ah!!... Elfride Morel! Onde está ella?!. . . *(todos ficão estupefactos)*.

HATSENFRELD.

(A parte) Que horrivel carede! *(para D. Ramiro)* Senhor D. Ramiro, se não quereis ser taxado de subornador, entregae-me quanto antes essa donzela; já deveis reconhecer que estou em meu direito.

RAMIRO.

Não vos reconheço, repito-vos, direito algum. Succeda o que succeder, ella pode confiar em mim.

ROBERTO

(Levantando a cabeça) Elfride!

HATSENFRELD.

Tomae sentido, senhor. . . este negocio pode vir a saber-se. . . e um Tribunal inexoravel. . .

RAMIRO.

Que importa?

HATSENFRELD.

Cavalleiro D. Ramiro, vede o que faseis!

RAMIRO.

Senhor Conde, tenho uma espada para defendel-a de todo o vosso poder, tenho meios de pronunciar uma defesa. Não mais, senhor Conde, retirae-vos, retirae-vos, que caro podéra cusiar a vossa pertinacia!

HATSENFRELD.

Ides ser obedecido, senhor!. . . *(Com ironia infernal. Vai-se.)*

SCENA 18.ª

OS MESMOS, MENOS HATSENFELD

RAMIRO.

Vae ... que pouco importão tuas ameaças!

ELFRIDE.

Ah! senhor! quanto vos devo!

ROBERTO.

(Inda sentado em prostração mental; Elfride)!...

RAMIRO.

Agora, senhora, poderemos seguir o nosso destino. Não exijo da vossa parte explicação alguma, respeitarei o vosso segredo, observae-vos-hei sómente que o meu sonho não era infundado, e fica provado que elle era um aviso do céo!

ELFRIDE.

Ah! tendes sobejos direitos á minha confiança; os títulos de amigo e libertador collocão-me na urgente necessidade de relatar-vos fielmente o quadro de minhas desventuras.

ROBERTO.

(Inda o mesmo; Elfride)!...

ELFRIDE.

(Voltando-se) Que homem é este, que repete o meu nome tantas vezes?!...

RAMIRO.

Quem sabe se. . . .

SCENA 19.ª

OS MESMOS, E HATSENFELD.

(Entrando vivamente pela porta lateral esquerda, com 3 soldados que entram pelo fundo).

HATSENFELD.

Eil-o ali está, prendei-o! *(os soldados avançam e prendem a Ramiro.)*

ELFRIDE.

(*Dando um grito*) Ah!! l...

RAMIRO.

(*Apalpando a cintura e vendo-se desarmado*) Covarde, infame cavalleiro!

ROBERTO.

(*A parte, e admirado*) Que alvoroço é este!

HATSENFRELD.

(*Sempre ironico*) Vede agora, Elfride, a qual dos dois cumpre obedecer?... se ao homem que sobre ti exerce um ilimitado poder, se ao galhardo e altivo cavalleiro D. Ramiro que está preso.

RAMIRO.

(*Forcejando por desprender-se dos soldados*) Miseravel... que ousaes prender e atacar um cavalleiro inerme!...

ELFRIDE.

(*A parte*) Oh! meu Deos! toquei enfim o termo de meus males!...

HATSENFRELD.

Sou miseravel... sim... mas ganhei a partida!... Atreve-te agora a contestar-me a victoria. Elfride, prepara-te para seguir meus passos, assim te ordeno, e quero ser obedecido. Vamos, segue-me, nada de objecções.

ELFRIDE.

(*Implorando Roberto toda tremula*) Ah! senhor, vós que tantas vezes haveis pronunciado o meu nome, por piedade, livrai-me daquelle homem... a desditosa Elfride vos supplica em lagrimas...

ROBERTO.

(*Levantando-se perturbado*) Elfride?! l...

ELFRIDE.

(*O mesmo*) Sim, livrae-me de um monstro!

HATSENFRELD.

Elfride Morel, segue o teu tutor!

ROBERTO.

(Desvairado) Elfride Morel!... o seu tutor! Oh!!... quero vel-os! *(para Hatsenfrelld)* Quem sois vós que proferis o nome dessa infeliz?... onde a vistes?... onde se occulta?... Oh!... dizei, dizei... quem sois?...

HATSENFRELD.

(Com altivez) O Conde de Hatseafrelld!

ROBERTO.

(Recita horrorisado apontando para Hatsenfrelld) Tu és o seu tutor?... o seu tutor!...

HATSENFRELD.

(A parte) Que demonio infernal será este?

ROBERTO.

Não... não... é impossivel!... tu... tu não és o seu tutor!...

RAMIRO.

(A parte) Que mysterio incomprehensivel!

HATSENFRELD.

Não o duvideis, senhor... dou-vos a minha palavra de honra como sou o seu legitimo tutor, a quem ella deve obedecer e respeitar.

ELFRIDE.

(A parte) Santo Deus!

ROBERTO.

Ah! és tu?... és tu o mesmo tutor que eu procuro!... és o mesmo homem por quem eu ardia em desejos de encontrar-me... és tu, o demonio que eu quisera confundir nas lavas infernaes! Oh! almejava este encontro, como o salteador o da opulenta victima: Os céos ouvirão-me, attenderão ás minhas preces, e o inferno te aguarda! Conde de Hatsen-

frelld. . . . vés brilhar a lamina deste ferro. . . . Satanaz o temperou, as furias o purificarão! . . . Noite e dia é elle o meu idolo adorado! (*encarando o ferro*) Se até aqui, preciosa prenda, tens-te conservado no ocio, agora o sangue do malvado vaes circundar-te. Hatsenfrelld! a tua hora tremenda é chegada, o céu preparou-te este transe cruel; vaes expiar a culpa aos pés da victima que torturastes, vaes morrer porque a terra deve ser purgada de um monstro, porque os vermes carecem do teu corpo. . . . (*quer ir sobre Hatsenfrelld. mas hesita*) mas não. . . . não serei eu. . . . (*chega á janella do fundo e apita*)

HATSENFRELD.

(*À parte*) Maldita estalagem! (*forte, puzando o punhal*) soldados, desarmai-o!

ROBERTO.

(*Empurrando violentamente os soldados*) Retirai-vos, canabala infame!

SCENA 20.^a

OS MESMOS, E MANRIQUE

MANRIQUE.

(*A testa dos salteadores que avançam pela porta do fundo*). Prompto meu commandante! (*reparando. À parte*) Olé desta vez a caçada é gorda!

HATSENFRELD.

(*À parte*) Um chefe de salteadores!

RAMIRO.

(*À parte*) Que observo! . . .

ELFRIDE.

(*À parte*) O mesmo salteador! . . .

ROBERTO

(*Apontando para Hatsenfrelld*) Segurae esse malvado! (*para os salteadores*) E vós conduzi esses bargantes e ponde-os a seguuro! . . .

SCENA 21.

OS MESMOS, MENOS OS SALTEADORES

(Que retiram-se levando os soldados presos, depois de desarmados).

RAMIRO.

(À parte) Que tenho ouvido!

MANRIQUE.

(Segurando no braço de Hatsenfrelde) Com que então o sr. v.ª queria encrespar-se *(para Roberto)* O' commandante, não seria melhor. . . .

ROBERTO.

O que? . . .

MANRIQUE.

Mandal-o de presente ao diabo *(levantando o punhal)*.

ROBERTO.

Espera. . . . inda não! . . .

HATSENFRELD.

(À parte) Horrivel collisão! *(para Roberto)* Não sei, senhor, com que direito me ameaças, e. . . .

ROBERTO.

Inda ousaes perguntal-o: Queres saber que direito me assiste? . . . o direito de defender das mãos do algoz a victima violentada, o direito de vingar uma honra. . . . que quizestos macular! Sabei que cahiste em poder de Roberto Morel, irmão da infeliz Elfride Morel.

TODOS

Seu irmão!

ELFRIDE.

(No cumulo de admiração) Meu irmão! *(dirigindo-se a Roberto)* Vós sois Roberto Morel?!

ROBERTO.

Roberto Morel, teu irmão, que vâa em soccorro teu, que vem estreitar em seus braços a desditosa Elfride, que vem... (*arrancando o retrato do seio*) em presença destas venerandas feições abraçar a filha de Emilia Morel...

ELFRIDE.

(*Beijando o retrato e abraçando-o*) Roberto!...

ROBERTO.

(*O mesmo*) Minha irmã! (*ficão abraçados*).

HATSENFELD.

(*À parte*) Maldito reconhecimento! Inda mais este demônio perseguidor!

MANRIQUE.

(*À parte*) Oh!... bravo!... bem me queria parecer, o tal mocetão, depois de se converter em uma linda moça, reconheço-se agora por irmã do chefe! (*para Roberto*) Meu capitão!...

ROBERTO.

Agora sou Roberto Morel, não sou mais teu capitão! sou o afortunado Roberto, libertador de sua irmã!

MANRIQUE.

Nesse caso posso largar a presa...

ROBERTO.

Sim... que vá... que não tenha eu que arguir-me da morte desse miseravel. Vós, minha irmã, approvaes esta intenção?...

ELFRIDE.

Sim... que vá... para que reconheça que á educação que recebi, deve a sua liberdade!

ROBERTO.

(*Para Manrique*) Retirai-vos, soltao esse malvado, esse miseravel....

MANRIQUE.

(*À parte*) Generoso coração!

HATSENFRELD.

(Com ironia) Agradeço tanta generosidade. . . (à parte)
Nós nos tornaremos a ver! . . . (sai rápido pela porta lateral.)

SCENA 22.^a

OS MESMOS, MENOS HATSENFRELD.

MANRIQUE.

Capitão, as vossas ordens. Que mais determinaes?

ROBERTO.

(Apertando-lhe a mão) Nada mais amigo, teus cumprido a tua missão. Eis uma bolsa, e junto a essas moedas os protestos da minha estima. . .

MANRIQUE.

E inabalavel a vossa resolução? . . .

ROBERTO.

Sim. . . inabalavel! Tenho deveres a cumprir. . . deveres sagrados. . . adeos, amigo! . . . (abraçando-o.)

MANRIQUE.

(O mesmo) Adeos! (vai a sair, mas pára na porta do fundo, e torna a olhar para Roberto, e vae-se pela direita)

ROBERTO.

Minha irmã. . . amigo (abraçando Ramiro) demandao a felicidade que vos sorri, tudo espero do protector de minha irmã. Eu. . . em breve saudarei entre vivas o prazer de nos vermos reunidos. Adeos. . . (Roberto pára no meio da scena, e os vê sair pela porta lateral.)

AMBOS.

Adeos!

RAMIRO.

Elfride, corramos ao palacio do Barão de Altorff, aonde vos chama a ventura. . . Vamos. . .

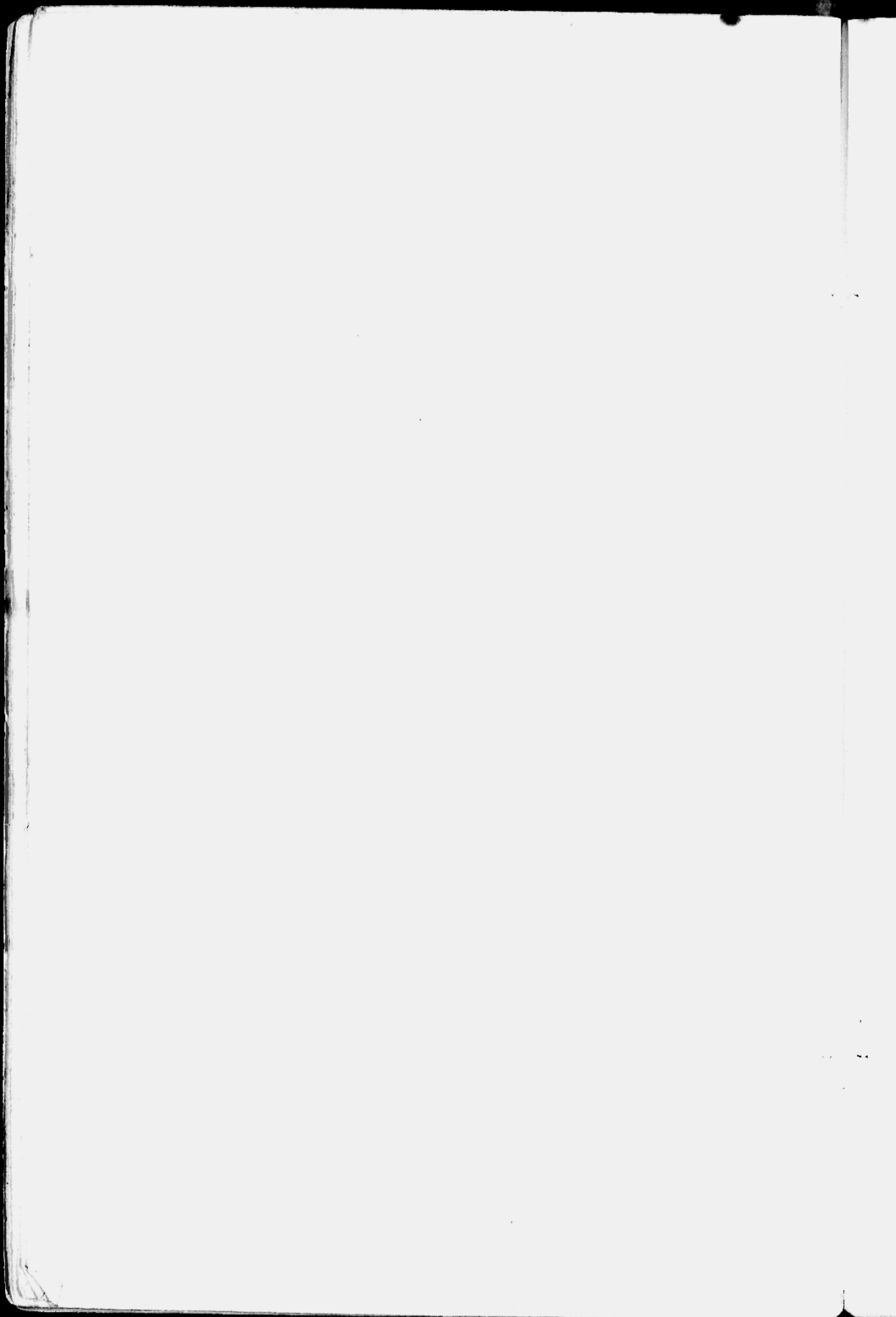
SCENA 14.

OS MESMOS, E HATSENFELD.

(A porta do fundo).

(A parte) E eu irei á vingança!... ao inferno!!...

FIM DO SEGUNDO QUADRO.



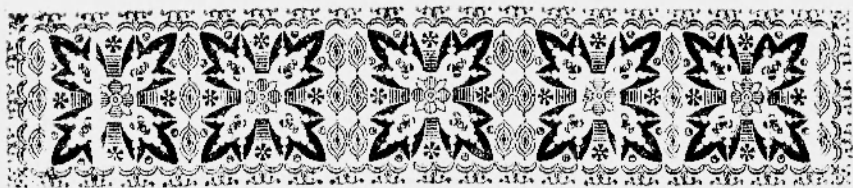
TERCEIRO ACTO.

A MENSAGEM

DO

TRIBUNAL.





ACTO III.

QUADRO III.

Grande salão gothico do palacio do Barão de Altorff. Magestosa entrada, mesas a character dos lados, com cadeiras. São 5 horas da manhã.

SCENA I.^a

Rodolpho com um espanador na mão, e dois criados).

RODOLPHO.

Ide agora ao salão verde. . . . olhae que quero tudo bem arranjado. . . . hoje nesta casa, sacode-se tudo, até o pello daquelles que são preguiçosos (*Retirão-se os criados*) Sufa! . . . ainda a manhã estava lá não sei aonde, já eu andava jogando o sóco com bofetes, mesas e cadeiras. Até mesmo o Sr. D. Ramiro não se tem poupado hoje ao trabalho. . . . Oh! . . . e quando elle trabalha. . . . é porque o negocio cheira a folguedo; nestes dias ninguem come na rua, anda tudo a granel. Se a futura esposa de meu amo for assim, hade ser mesmo um par muito appropriado. Viva. . . . viva a festança! . . . vamos. . . . agora Rodolpho toca a rodar. . . . (*vae sahindo e encontra-se com Julia.*)

SCENA 2.-

RODOLPHO, E JULIA

(Atravessando a scena com uma bandeja vazia)

RODOLPHO.

Olé!... também por cá, senhora Julia... espero, não se faça tão fidalga.

JULIA.

Não estou agora para o aturar, vou cuidar nas minhas obrigações *(sahe)*.

RODOLPHO.

Toma! scio!... scio!... e foi-se! E que tal está a sujeitinha! Ah! cachopa de mil diabos eu te farei chegar ao rego! Estas criadinhas apresentam-se nestes dias com uma prosápia, que dir-se-ia que são algumas condessas ou marquezas!... nada... nada... é preciso fazer baixar a prôa a esta senhora fidalga de meia tigéla... deixe estar... deixe estar, senhora Julia, heide lh'as fazer pagar bem caras. E de mais a mais desdenhão dos pobres velhos. Persuade-se ella talvez que não tenha eu a força de um mocetão... que não tenha um coração que faça tic-tac. Ah! tolas, resmeiengas, dengosas, espirituosas e tudo quanto acaba em osas... deixem estar que não hão de mangar. Oh!... mas ella que volta... *(Julia, atravessa a scena com a bandeja coberta com uma rica toalha)* Sim senhor, senhora Julia, já não faz caso do seu Rodolphosinho *(Julia, ao sahir, faz-lhe uma careta)* Ora ahí tem, e assim passa o tempo, ora fazendo tregeitos, ora brincando com os outros criados... e... cala-te boca... e no emtanto é a predilecta da senhora D. Elfride... da nossa ama. *(Olhando para o bastidor)* Oh! mas ahí vem ella, pois não me vou embora sem comprimental-a

SCENA 3.ª

RODOLPHO E ELFRIDE.

RODOLPHO.

Bons dias, minha nobre senhora

ELFRIDE.

Bons dias, Rodolpho.

RODOLPHO.

Mandaes alguma cousa?

ELFRIDE.

Não. . . . de nada por ora careço (*sentando-se*) Agradeço a boa vontade com que sempre me servis.

RODOLPHO.

Faço o meu dever senhora. De mais vos tornaes digna, e tão digna, que meu amo o bom e nobre cavalleiro D. Ramiro vos escolheu para esposa. Eu e os mais criados desta casa, todos em geral, exultamos com tão bella escolha.

ELFRIDE

Obrigado. . . . obrigado. . . . Rodolpho. . . o céo vos ouça!

RODOLPHO.

De certo senhora. . . elle me hade ouvir. . . Deveis-vos considerar mui ditosa pelo amor de um cavalleiro dotado de tão bellas prendas.

ELFRIDE.

E tantas que obrigarão Elfride a amal-o eternamente. . . Dizei-me Rodolpho, ha muito que o servis?

RODOLPHO.

Sim, senhora, vi-o nascer.

ELFRIDE.

Que idade tendes?

RODOLPHO.

Cincoenta e dois annos senhora.

ELFRIDE.

Talvez conhecesseis a minha familia?

RODOLPHO.

Conheci vosso pae, o bom e respeitavel senhor Morel, e vosso irmão o senhor Roberto.

ELFRIDE.

Pois deveras os conhecestes!

RODOLPHO.

E verdade senhora; e com quanto se hajao passado bastantes annos, talvez que se visse algum delles o conhecesse.

ELFRIDE.

(Pesarosa) Meu pae, de certo não o tornareis mais a ver... morreu faz agora onze annos.

RODOLPHO.

Que diseis senhora? . . . pois já morreu o bom do Senhor Morel? . . . aquelle que tantas vezes me dava provas da sua estima? . . . que tao bons conselhos me dava?

ELFRIDE.

É verdade! expirou n'um paiz estrangeiro, longe da sua patria, da sua esposa e dos seus filhos; combatido por uma sorte inconstante, ralado de saudades e dores.

RODOLPHO.

Pobre homem!, . . . Deos Tenha piedade da sua alma! . . .

ELFRIDE.

(Depois de uma pequena meditação) Esta bem Rodolpho, não fallemos dos mortos; dolorosa é sempre essa recordação. E meu irmão, ha muito tempo que o não vedes?

RODOLPHO.

Oh! já faz muito tempo, muitos desejos teria de ver esse senhor Roberto, que ainda menino, acompanhei em algumas excursões de que elle muito gostava. . . . Hade haver oito dias. . . sim. . . oito dias, ouvi dizer a um amigo meu, que o havia visto rondar por estas paragens algum tanto pensoso e meditabundo.

ELFRIDE.

Oh! não o creias, se elle se aproximasse do castello não deixaria de vir visitar a sua irmã, e o seu amigo D. Ramiro.

RODOLPHO.

Quem sabe senhora, se alguns pesares. . . .

ELFRIDE.

Elle me estima, e quando mesmo pesares o ralassem nem por isso deixaria de vir ver-me. Oh! que prazer não teria! (*D. Ramiro apparece á porta do fundo*). Se elle viesse neste instante ouvir as suaves palavras de sua irmã, abraçal-a-hia....

SCENA IV.

OS MESMOS, E RAMIRO

(*Que entra com alegria*).

A quem?... a mim Elfride? (*agarrando-lhe docemente na mão*). É a mim que pretendeis abraçar?...

ELFRIDE.

Fallava de meu irmão. Rodolpho havia-me dito que uma pessoa, o vira transitar pelas immedições do castello, haverá oito dias.

RODOLPHO.

É verdade senhor.

RAMIRO

Tanto melhor, não está muito longe de nos, sera mais um companheiro para o nosso festim. (*Rodolpho sahe*).

ELFRIDE.

Quero crêr que não seja elle.

RAMIRO.

Oh! elle o prometteu... no entanto disponhamos as cousas de modo, que em todo o caso não percamos tão bom amigo. Por agora saibamos, como vos achaes? estaes disposta a pronunciar o voto eterno, que vos vae ligar ao mais terno e dedicado dos amantes?

ELFRIDE.

E porque não? Já possuis o meu coração, e desse modo, não perguntaes, mandaes.

RAMIRO.

Mandar?... eu!... enganaes-vos minha bella Elfride, vós é que tendes toda a authoridade, todo o direito de mandar-me.

ELFRIDE.

Essa authoridade, esse direito, não pertence ao meu sexo.

RAMIRO.

Mas pertence á belleza, á virtude, e ao amor.

ELFRIDE.

Está bem, senhor lisongeiro, vossas palavras, respirão uma poesia doce e agradavel.

RAMIRO.

Em demasia rude é a que ora vos tributo. Quando fallaes, faseis-me ouvir a harmonia dos anjos, e eu quando me acho em vossa presença, não posso exprimir-vos a verdadeira linguagem do affecto, do amor, aquella que melhor sôa aos ouvidos da virgem. Não sei o que digo... a causa da minha perturbação. . . .

ELFRIDE.

Não sabeis qual é a causa; sei eu qual seja o effeito. Vossas palavras tem um som que agrada e commove um coração abrasado em amor.

RAMIRO.

Oh! continuae... continuae... quando vossos labios se entreabrem lembra-me o expandir da roza ao desabrochar da madrugada. Quando assim fallaes meu coração, minha mente abrasada vôa a essa mansão onde só impera amor, prazer, ventura.

ELFRIDE.

Como me é grato ouvir essas expressões, prova da nossa inabalavel constancia!... Como meus dias tomarão uma face risonha apart de um esposo que idolatro. . . .

RAMIRO.

Sim meu anjo, a meu lado provarás as delicias da vida; a meu lado verás sorrir o amor e a felicidade.

ELFRIDE.

E essa felicidade será eterna, porque esse amor será abençoado por Deos.

RAMIRO.

Se soubesses quanto me tarda o venturoso instante!... quanta impaciencia não rala esta minha alma, que só aguarda o momento em que á face do altar, o sacerdote nos lance sua benção nupcial! Tudo tenho determinado para a cerimonia que deve hoje ter lugar no castello. Tenho mandado convidar todos os cavalleiros destes arredores, todas as damas mais gentis, quero que todos presenciem a minha felicidade. Oh! quão longas passão as horas! (*pegando-lhe amorosamente na mão*) Elfrido, vou emfim beber pelo calix do amor todos os gosos celestiaes. vae rociar-me pelos labios o elixir mais dulcificado. Elfrido vaes ser minha! quanto sou feliz!...

ELFRIDE

E crêdes que o não seja eu tambem? oh! acreditae tambem na minha felicidade, no meu amor; se o vosso para comigo é sincero e sublime, o meu para comvosco é excessivo e verdadeiro. Se me amaes em extremo, eu amo-vos como uma mulher pôde amar verdadeiramente um homem.

RAMIRO.

Oh! assim o penso meu anjo.

ELFRIDE.

A nossa hora feliz aproxima-se; e vou deixar-vos por alguns instantes. Quero parecer ainda mais bella a vossos olhos, quero inda mais triumphar do vosso amor.

RAMIRO.

Sim, ide bella Elfride não careceis de atavios para ser bella a meus olhos. O Deos de amor seja sempre comvosco.

ELFRIDE.

Até já (*sahe*).

SCENA 5.^a

RAMIRO (só).

Não ha nada que exceda tantas perfeições, tantas virtudes!
É innocente como o tenro infante, é bella como os anjos, e
vae ser minha! Nada comparar-se pôde á minha situação.
Vão ser corçados os meus esforços, vou ser esposo, vou ser o
mais feliz dos homens! (*vae-se*).

SCENA 6.^a

RODOLPHO.

(*Entrando e observando primeiro a scena*) Já se forão. . .
na verdade que meu amo está todo rendido pela senhora El-
fride. A té de mordomo que se tivera de menos uns trinta
annos, e tivesse um nome. . . sim um nome afidalgado, que
inculcasse alguma cousa, havia de estender-lhe a minha rede,
por que tambem gosto daquelles olhinhos pretos (*ouve-se o rui-
do de passos*) Mas alguém se aproxima (*chegando a porta do
fundo*) Oh' eis-ahi os convidados. . . segundo vejo, o se-
nhor Barão não os acompanha. . . estará talvez compondo a
sua cabelleira grisalha.

SCENA 7.^a

RODOLPHO, D. CARLOS, D. ALBERTO, CAVALLEIROS

E DAMAS.

RODOLPHO.

Sempre servo humilde de vossas senhorias.

CARLOS.

Adeos Rodolpho. Cada vez mais guapo! (*para Alberto*) É
o rei dos mordomos

RODOLPHO.

Honra que devo a vossa senhoria. . .

CARLOS.

Está bem, deixemo-nos de preambulos; onde estão os noivos? viemos talvez demasiado cedo.

RODOLPHO.

Não illustrissimo, meu amo o senhor D. Ramiro já aguardava ancioso esta tão lusida companhia; erro quanto antes a annunciar-lha, se vossa senhoria assim o permite.

CARLOS.

Sim, vae; aqui ficamos no entanto ávidos por ver o bello semblante da noiva, que dizem ser cousa nunca vista (*Rodolpho sauda-os e retira-se*).

SCENA 8.^a

OS MESMOS, MENOS RODOLPHO.

(*Algumas damas passeião pelo braço de alguns cavalleiros e conversão*).

ALBERTO.

Eis-nos aqui instalados no soberbo palacio do Barão de Altorff. Mas agora reparo (*a meia voz*) Olé trajas soberbamente, quisestes levar as lampas, a todos os cavalleiros, que pretendem festejar este dia.

CARLOS.

Parece-te então que estou bem trajado. Pois olha assim mesmo ainda não achei nenhuma dama, que acolhesse a minha ternura.

ALBERTO.

Pois se tu só queres grandes fidalgas, damas de alta cathedoria; toma o exemplo do D. Ramiro, escolhe uma bonita, virtuosa mas pobre, e para logo a acharás.

CARLOS.

Mas, sem dinheiro?...

ALBERTO.

Sem dinheiro... sim... do contrario nunca acharás

nenhuma. Aqui para nós, olha que nem tu, nem eu poderemos achar partido vantajoso, porque bem sabes que os nossos gibões bordados e as nossas espadas, não andão de accordo com os nossos pergaminhos. Já lá se foi o tempo, em que uma dama de alta gerarchia, não queria ver em seu amante capas ricamente ornadas, nem espadas riquissimas, preferia antes achar-lhe um coração valeroso, uma espada forte e um braço de ferro.

CARLOS.

Mas eu nada tenho com os sentimentos dos antigos, e só olho para as etiquetas modernas. Que se precisa hoje! Ter uma capa com bellas bordaduras que destumbrem os olhos, ter bellas plumas que enfeitem soberbos chapéos, boa espada, cujas preciosas pedras atestem a opulencia e grandesa: e pensas tu que se alguma dama, senhora de grossos cabedaes me olhar favoravelmente, não heide mudar de posição!

ALBERTO.

Deixa-te disso, que por esse lado não lhe vejo possibilidade. Falta-te o mais precioso ornamento, sem o qual os cixos do mundo não se movem, sem o qual não se comprão vontades. Aparece amanhã com soberba equipagem, com um luxo desmedido, e diz a todos que herdastes uma grossa quantia e verás como em todos os salões, todas essas damas de alta linhagem, curvão mansamente a cerviz, e em lugar de dizerem, ahí vem o senhor D. Carlos; dirão cheias de ufania, ahí vem o nobre cavalleiro, o senhor D. Carlos.

CARLOS.

E o mais é que é verdade. . . ah! dinheiro, dinheiro. . . pestifera molestia!

ALBERTO.

Que ha poucos facultativos que a curem: é uma chaga chronica que faz fugir diante de si todas as honras e dignidades, todas as damas embora feias, porque ninguém se aproxima de um homem sem dinheiro. . . fogem delle como de um empestado!

CARLOS.

Nada, nada. . . a nossa causa está quasi decabida; sem

um diamante no punho de nossas espadas, sem um collar de cavalleiro! Escurecemos a gloria dos nossos avós; ao menos elles banqueteavão-se sempre, e nós nem um florim temos para dar de esmola a um indigente! (*fica em meditação*).

ALBERTO.

É forçoso que assim succeda; quasi todos os nossos bens estão consumidos. O teu castello de Visbadem está em poder dos teus credores, e em quanto as suas rendas não cobrirem o debito, que hade levar seu tempo, tens de fazer uma figura um tanto ridicula. As terras e propriedades que me ficarão por morte de meu thio, levou-as o jogo... o jogo... o infernal jogo!... Maldita seja a hora em que peguei em cartas para aventurar o futuro da minha existencia. Ora, deste modo, vê como havemos de brilhar!... (*fica em meditação*).

CARLOS

Como hade ser?... E que direi eu?... quando penso tambem que podia cingir agora a minha bella espada cravejada de diamantes, que podia ornar-me o peito o meu rico collar, com que ainda figurei o anno passado... perco de todo a razão!... Oh!... (*reparando*) mas ahí vem D. Ramiro com a noiva. Ahí tens, vê que luxo, que esplendor!

SCENA 9.^a

OS MESMOS, D. RAMIRO, ELFRIDE, JULIA E

RODOLPHO

(*Ricamente vestidos*).

RAMIRO.

(*Para as damas*) Tenho a honra de saudar-vos, illustres damas, e vós, senhores cavalleiros, recebei os meus devidos cumprimentos. Muito me lisongeia a presença de tão nobre, quão distincta companhia. Permitti-me, senhores e damas, a honra de apresentar-vos... minha futura esposa... (*Cavalleiros e damas saudão respeitosaente Elfride, que igualmente lhes corresponde*).

CARLOS.

Realmente, D. Ramiro, juro-vos á fé de cavalleiro que não podéis fazer uma mais acertada escolha.

ELFRIDE.

Obrigada, senhor. Farei por merecer a honra que neste momento acabo de receber *(algumas damas e cavalleiros encarando a noiva, trocãõ entre si algumas palavras)*.

ROBOLPHO.

(A porta do fundo, annunciando) Chega o senhor Barão!
(D. Carlos, D. Alberto e alguns cavalleiros vão esperal-o).

SCENA 10.

OS MESMOS, JORGE E O BARÃO

(Que entrou alegremente).

BARÃO.

Acceitae, senhores e damas, um testemunho do meu sincero agradecimento, pois que vos dignastes obsequiar-me com a vossa presença. Annuncio-vos que a hora é chegada, em que Elfride Morel vae para sempre ligar o seu destino ao de meu filho, o joven cavalleiro D. Ramiro de Rustald *(para D. Ramiro, a meia voz)* Ramiro, pensa bem no veto que para sempre te vae ligar, sê esposo digno de louvor, merecerás não só as benções do céu como as de teu pae.

RAMIRO.

Eu o juro, meu pae: as vossas palavras gravadas ficarão em meu coração.

BARÃO.

Eis-aqui, meu amigo Jorge, a esposa que o ceo destina para o nosso Ramiro.

JORGE.

É inexplicavel, senhora, o praser que sinto por ver que D. Ramiro foi digno de tão feliz sorte.

BARÃO.

(*Para D. Alberto*) D. Alberto, cada vez mais folgasão! Oh! D. Carlos, que é feito de vós? ha muito que não vindes a este palacio!

CARLOS.

Alguns negocios de familia m'io tem impossibilitado.

BARÃO.

Está bom; basta. . . tendes uma segura desculpa (*para as damas e cavalleiros*) Podemos, senhores e damas, se vos apraz seguir para a capella do castello. O sacerdote do ha muito aguarda os dois esposos. Breve serei comvosco.

RAMIRO.

Sim, meu pae, não dilateis a vossa demora (*dá a mão a Elfride, e sahem acompanhados dos cavalleiros e damas*).

SCENA 11.ª

O BARÃO E JORGE.

BARÃO.

Ainda tenho a dar algumas ordens, e por isso ficae aqui em palacio para fazer as minhas vezes; se vier mais algum convidado, indicai-lhe a antiga capella do castello.

JORGE.

Ficae descansado, tudo será executado com o maior cuidado.

BARÃO.

Obrigado bom Jorge; adeos.

JORGE

Adeos, senhor (*sahe*).

BARÃO.

(*Vae a sahir, mas encontra-se com um desconhecido que lhe entrega um papel. Recebendo-o*) De quem é esta mensagem, quem sois vós? . . . (*O desconhecido mostra um signal que traz*

no peito. T. S. e retira-se) Do Tribunal Secreto?! O que será?!... *(abre)* Meu Deos! não sei que secreto presentimento acommette meu coração! Vejamos as resoluções do Tribunal *(lê)* « O Tribunal Secreto a que pertenceis, em sessão extraordinaria, designou-vos para castigar um crime... *(vacilla e estremece)* Esse crime... é o do nosso ex-irmão Jorge Alder que, havendo trahido os seus juramentos, foi por unanimidade condemnado a morte!!!... coragem e valor!!!... Cumprí com as ordens dos juizes livres, tendes trez dias para a execução, e, quando não as cumpraes, ai de vós!... » Deos meu! que acabo de ler!... Oh! é horrivel... malfadado que eu sou! No momento em que ia gosar a felicidade no seio de meus filhos... ser obrigado, talvez por uma infernal maquinação, a perpetrar um horrendo crime... E devo eu por ventura cumprir uma tal ordem?... devo eu tingir as mãos no sangue do meu melhor amigo? Oh! não!... não!... jámais... *(deixa-se cahir sobre uma cadeira)*.

SCENA 12.^a

OS MESMOS, E HATSENFRELD

(Entrando, cauteloso e embuçado, vae occultar-se por detrás de uma columna donde observa todos os movimentos e palavras).

BARÃO.

Eu um assassino!... Como ousarei apresentar-me em face de meus filhos!... Oh!...

SCENA 13.^a

OS MESMOS, E JORGE.

(Que tem ouvido as ultimas palavras do Barão)

JORGE.

(Entrando) Senhor!... senhor!...

BARÃO.

(Levantando-se) És tu, Jorge!... Oh!... vae-te, deixa

estes lugares que te podem ser funestos. . . . (*Hatsenfeld agita-se por detraz da columna*) Não te approximes do teu amigo. . . . elle tem um ferro. . . . um ferro que te hade dar a morte!

JORGE.

(*À parte*) Que escuto! Não vos comprehendo, que afflicção é essa?!

BARÃO.

Não me interrogues. . . . foge, meu amigo. . . . foge á ira do Tribunal que te condemna á morte. . . . foge ao executor dessa sentença! . . .

JORGE.

A morte! . . . Santo Deus! . . .

BARÃO.

Oh! . . . mas eu quero dar-te a vida! . . .

JORGE.

A vida? . . . daes-me a vida, e como?

BARÃO.

É mister que fujas destas terras. . . . (*Hatsenfeld, o mesmo*) abandona este paiz. . . . que te persegue. . . . busca uma terra estranha. . . .

JORGE.

É a tua vida? . . . e o Tribunal?

BARÃO.

Que te importa a minha vida e o Tribunal? Não dilates a tua presença nestes sitios. . . . corre, corre, que com mil olhos te procurão na immensidade! . . .

JORGE.

(*Ajoelhando-se*) Permitti ao menos que deposite a vossos pés uma prova de reconhecimento, permitti que. . . .

BARÃO.

(*Levantando-o*) Basta, um dia talvez nos veremos. . . . ou mais depressa na Eternidade seremos para sempre unidos.

JORGE.

E meus filhos? . . . e a miséria! . . .

BARÃO.

Dar-te-hei ouro, e teus filhos ficarão comigo.

JORGE.

Homem generoso! amigo sem igual! . . .

BARÃO.

Não saias do palacio. Logo que as trevas te encobrirem, dirige-te á praia, embarca no primeiro navio que se te offerer, e diz um adeos, para sempre. . . á tua ingrata patria! Eu mentirei pela primeira vez ao Tribunal, dir-lhe-hei que as suas ordens foram executadas. Aqui tens esta bolsa, nella acharás dinheiro sufficiente para as tuas despesas. Adeos! . . . adeos! . . . sê mais feliz do que tens sido. . . e lembra-te do Barão de Altorf! (*sahé rapido pelo fundo*).

SCENA 14.

JORGE E HATSENFELD

(*Deixando a columna*).

JORGE.

Vou deixar a minha patria! meus filhos, parentes e amigos. Que hei feito para merecer a ira do Tribunal? . . . que crime é o meu? Oh! meu Deus! Vós que sois clemente, lançaes as vistas sobre esses innocentes filhos; não os desampareis, que elles jámais soffrão os tormentos de seu pae, que jámais como elle deixem o berço do seu nascimento, que jámais divaguem como entes amaldiçoados pela terra do exilio! (*sahé*).

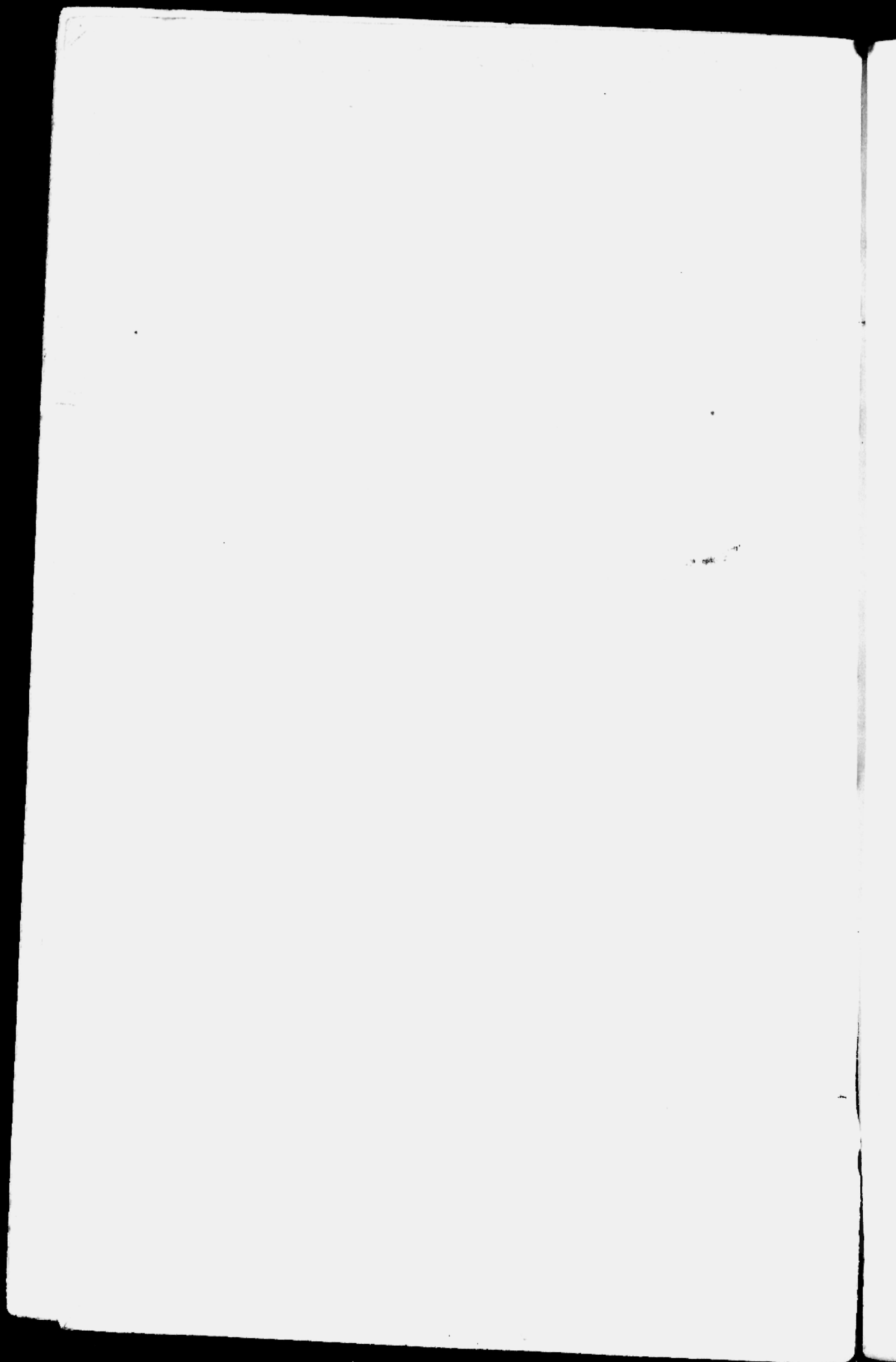
SCENA 15.

HATSENFELD (*só*).

Ah! Barão de Altorf! Barão de Altorf! . . . que te perdestes! A tua generosidade vae custar-te cara. . . Insensa-

to! . . . que julga cego o Tribunal a que pertence. . . . Insensato! que não mede a pouca distancia que o separa da tumba! Imprudente! que não previu as consequencias que podião resultar dessa acção. . . . Eu já sabia que recusarias teu braço á vingança do Tribunal, eu já advinhava que havias de ser generoso com a victima. Eis preenchidos os meus votos. Tu mesmo protegestes os meus designios. Barão de Altorff, é forçoso que morras. . . . desejo a tua morte. . . . porque nella se apaga parte da minha vingança. . . . é transpor parte do caminho que devia transitar. . . . has de ouvir echoar o brado tremendo, de morte horrenda ao perjuro!!! (*Roberto apparece á porta do fundo mascarado e envolvido em longo capote, e vem-se approximando de Hatsenfrelld*) Oh! Ramiro! . . . Ramiro! . . . caro te hade custar o ultrage que por tua causa hei recebido. Hoje. . . . o Barão de Altorff. . . . amanhã, Ramiro de Rustald! e depois oh! depois. . . . Roberto Morrel. . . . (*vae a sahir, encontra-se com Roberto, que lhe agarra fortemente no braço*) Quem sois? (*Roberto afasta o capote, e mostra em seu peito o signal do Tribunal*) Bem vejo que sois do Tribunal Secreto. . . . mas, quem vos mandou aqui? (*Roberto aponta para o céu. A parte*) Quem será este maldito que me seguiu os passos? (*alto*) E quem vos disse que eu me achava aqui? (*Roberto aponta para o coração, e depois para o céu. Hatsenfrelld lança-lhe um olhar raivoso, e sahe precipitadamente. Roberto crusa os braços, e ameaçador o vê sahir*).

ATA DO TERCEIRO QUADRO.

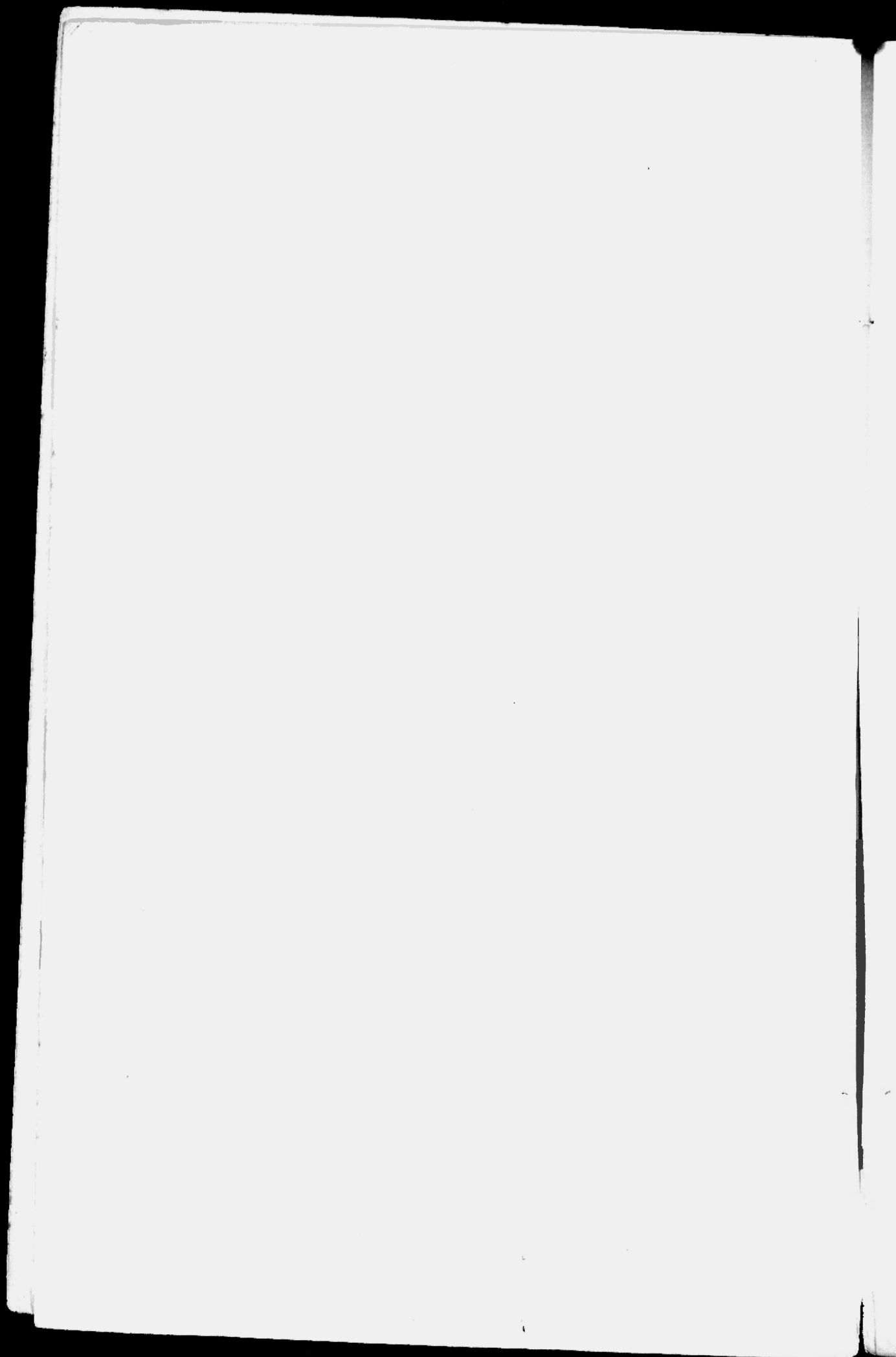


QUARTO ACTO.

A ENTREGA

DO

PUNHAL.





ACTO IV.

QUADRO IV.

O Castello de Oppenheim. Grande salão, decorado a caracter. Uma porta dá entrada ao fundo; à esquerda uma outra, secreta. Uma mesa à direita, cadeiras, luz escassa, etc. São quatro horas da manhã.

SCENA 1.^a

RAMIRO (só).

(Sentado, e encostado à mesa, pensativo e triste) Debalde tenho meditado na tristeza que opprime meu pae desde o dia do meu casamento!... não tenho podido attingir quaes sejam os desgostos que ralão aquella alma nobre. Seu pallido rosto, seu amortecido olhar... Oh! muito soffre elle!... Fechado continuamente em seu gabinete, até já a minha presença lhe causa estranhesa *(mudando de tom, pausa)* Tres dias... tres dias se hão passado que neste castello cessáram os folguedos, os canticos, os risos... e succedeu a tão grata harmonia a mais morna tristeza. Se não fôra minha esposa, succumbira a tanta melancolia! Elfride é o unico ente que me anima a vida. Que nobre é a sua dedicação para comigo!... como me adoça alguns momentos de pesar! como tão suavemente me faz esquecer algumas horas de desgosto!... *(pequena pausa)* Depois que li essa carta que meu pae mostrou-me, quero crêr que o motivo da sua continua tristeza é o seu

conteúdo. (*Hatsenfrelld entra pela porta secreta*) Ha um odio implacavel entre esse homem que lhe escreve e a minha familia!... mas quem é esse homem?... meu pae soube cautelosamente riscar seu nome, para que não commettesse eu algum desatino, em desaffronta a tantas ameaças!... Bom pae.... que tanto presa meus dias!... Oh! mas se eu soubera que o verdadeiro motivo de seus pesares provém da leitura dessa carta, por toda a parte eu procurára o malvado. Sim, se o soubera.... (*pausa*).

SCENA 2.^a

RAMIRO E HATSENFRELD.

(*Vestido de armadura, viseira calada, longo penacho preto*).

HATSENFRELD.

(*Á parte*) Em breve o saberás.

RAMIRO.

Mas que pertenderá esse homem?

HATSENFRELD.

(*Á parte*) O punhal do homem vingativo t'o dirá.

RAMIRO.

Em sua carta só falla em vinganças....

HATSENFRELD.

(*Á parte*) Que não tardará se cumprão!

RAMIRO.

Mas que importão a Ramiro essas ameaças, se elle hoje é o mais feliz dos homens na posse de Elfride?... se tem um braço forte para defender os seus direitos?...

HATSENFRELD.

(*Á parte*) Em quanto outro mais possante o não vencer!

RAMIRO.

Oh! quisera neste momento ver-me face a face com esse homem, saberia quem elle é, e depois de me assegurar que

é o alvo da tristeza do Barão de Altorff, despedaçal-o-ia! . . .
(*Ramiro, levantando-se, volta e dá com Hatsenfrelld que se tem conservado por detraz delle, sempre embuçado e ameaçador*)
Oh! diabolico phantasma! Quem sois, que vindes aqui fazer?

HATSENFRELD.

(*Com voz rouca e medonha*) Sou um dos membros do Tribunal Secreto (*mostra o signal, pausa*) Venho apresentar-vos uma ordem do mesmo Tribunal, que muito vos interessa . . .

RAMIRO.

(*Á parte*) Esta voz! . . .

HATSENFRELD

(*O mesmo*) Um membro da nossa numerosa associação tra-
bio os seus juramentos. e como as leis do nosso Tribunal em
tal caso sejam implacaveis. . . . condemnarão-o á morte!

RAMIRO.

Sim, mas que tenho eu com isso? . . .

HATSENFRELD.

Ides sabel-o. Sendo vós um dos membros, de caracter firme
e severo, da nossa associação, o Tribunal vos designa como o
executor do traidor! . . .

RAMIRO.

A mim! (*á parte*) Grande Deos!

HATSENFRELD.

É verdade; e eis-aqui o ferro vingador com que deveis
executal-o (*apresenta-lhe um punhal*).

RAMIRO.

(*Á parte*) Infernal associação! leis malditas!
(*quer tomar o punhal, mas recúa*) Oh! não. . . . não acei-
to (*em delirio*) Assassino! . . . Quem vos deu o direito de me
propor um tal attentado?! . . . Fugi destes lugares que não
respirão odios e traições. . . . fugi! . . . demonio infernal. . .
que vindes escarnecer da minha ventura!

HATSENFRELD.

Moderae-vos, moderae-vos, cavalleiro D. Ramiro, a vossa abnegação pôde ser-vos fatal!

RAMIRO.

(Pequena pausa) Dae-me. . . . dae-me o ferro! . . . *(de novo recua sem pegar no punhal)* Jámais! . . . jámais! . . .

HATSENFRELD.

E o Tribunal que vae julgar-vos, e os juizes ameaçadores que vos aguardao, e os vossos juramentos! . . . Que dissestes, quando ajoelhastes ante um Conde livro? não sujeitastes o vosso corpo ás torturas que em contrario dos vossos juramentos se alçarião? . . . não jurastes defender o Tribunal contra pae e mãe, esposa e filhos? contra tudo que existe entre o céu e a terra?! . . .

RAMIRO.

Oh! maldição, maldição! . . .

HATSENFRELD.

Reparae que talvez daqui a uma hora já não tereis tempo, pois que a hora do exterminio é rápida. . . .

RAMIRO.

Dae-me, dae-me o ferro! . . .

HATSENFRELD.

E juraes cumprir a resolução do Tribunal?

RAMIRO.

(A parte) Funesta collisão! Sim. . . . juro! . . .

HATSENFRELD.

(Entregando-lhe o punhal) Pois bem, eil' o aqui! . . .

RAMIRO.

E qual é a victima?

HATSENFRELD.

Pouco vos deve importar quem seja. Hoje mesmo, virá ella pedir-vos hospitalidade.

RAMIRO.

E cumprirei uma sagrada obrigação, ferindo? . . .

HATSENFRELD.

O Tribunal sentenciou. . . . deveis obedecer. Bem sabeis que o seu poder é sem limites, que não ha obstaculos, por mais embaraçosos que sejam, que não se vão despedaçar d'encontro a esse poder de ferro que tudo abrange e anniquilla. Agora mesmo presencastes a minha mysteriosa entrada neste castello, reparae que não foi preciso o toque de clarim para me fazer annunciar, nem tão pouco nenhum dos vossos criados me servio de introductor. Bem sabeis a sagacidade que acompanha sempre um juiz livre, e os meios que emprega para ser bem succedido. Tenho cumprido a minha missão. Adeos! . . . sêde sem piedade; e lembrae-vos que os olhos de cem mil membros vos observão! (*vai-se, olha inda uma vez D. Ramiro, e sahe precipitadamente pela porta secreta*).

SCENA 3.

RAMIRO (*só*),

(*Olhando tremulo para o ferro, depois de alguma pausa*) Onde estou eu? Que escuridão é esta?! . . . Ah! quem é aquelle horrifico espectro que armado de agudo ferro investe para mim? . . . Que figura negra é aquella que diviso ameaçadora? . . . Oh! . . . é o algoz! . . . ali. . . . está a victima sacrificada ao furor do Tribunal. . . . (*pausa*) Ella pedo vingança, vem sobre mim! . . . (*Hatsenfrelld apparece inda uma vez na porta falsa*) Assassino! . . . assassino! . . . Deixae-me. . . Oh! . . . deixae-me! . . . Ali homens negros. . . cirios ardendo! . . . acolá espadas nuas. . . . além. . . . Oh! piedade. . . . piedade para o infeliz (*pausa*) E eu heide assassino! . . . (*cahe prostrado n'uma cadeira, Hatsenfrelld fecha a porta falsa, e Elfride entra às ultimas palavras de D. Ramiro*).

SCENA 4.

RAMIRO E ELFRIDE.

ELFRIDE.

(*A parte*) Assassino. . . diz elle, oh! meu Deos! (*dirigindo-se a D. Ramiro, e tocando-lhe no hombro*) Meu esposo! . . .

RAMIRO.

(Levantando machinalmente a cabeça) Quem sois? que me quereis?... sois a victima?... Oh! inda não... inda não... é cedo... damasiado cedo para a vingança do Tribunal.

ELFRIDE.

Torna em ti, Ramiro, é a tua esposa! *(à parte)* Que horrivel sonho!

RAMIRO.

(Levantando-se) Fugi da minha presença... não sabeis que os juizes livres vos condemnão!... não sabeis que um ferro vai dar-vos a morte... que eu vou ser o vosso verdugo!...

ELFRIDE.

Meu Deos! *(à parte)* Que quererá isto dizer, que pesadello medonho é este que lhe combate a phantasia! *(alto para D. Ramiro)* Sou eu, Ramiro, é a tua Elfrido....

RAMIRO.

Elfrido!... *(abraça-a)*.

ELFRIDE.

Tu tremes, Ramiro?... que afflicção é essa?

RAMIRO.

(Tremulo) Não.... nada.... estou tranquillo.... meu amor.... não vês que nada tenho?

ELFRIDE.

E tão cedo deixaste o leito?... soffres.... não é assim, meu esposo?...

RAMIRO.

(Sorrindo) Esposo!.... Oh! quanto é doce esse titulo... sim! sou teu esposo, não é verdade?... porém senta-te a meu lado, faze-me ouvir esse som de voz tao suave, falla, falla, Elfrido.... sou tão feliz quando assim me fallas.... *(sentando-se)*.

ELFRIDE.

(*À parte*) Suas palavras gelão-me o coração! (*alto*) Ora vamos, eis-me aqui a teu lado, conta-me os teus desgostos. . . os teus pesares. . . .

RAMIRO.

(*Inquieto, levantando-se e percorrendo a scena, como em observação. Elfride acompanha-lhe os movimentos*) Nada tenho. . . . absolutamente nada. . . .

ELFRIDE.

(*À parte*) Oh! meu Deos! Não queres tomar alguma cousa?

RAMIRO.

De nada careço, boa amiga. . . . terna esposa, quanto te devo!

ELFRIDE.

Mas tu soffres, esse semblante está desbotado pela dor. esses olhos estão amortecidos, não dormiste toda a noite! . . .

RAMIRO.

Alguns negocios. . . . (*à parte*) Que devo dizer-lhe? Sim. . . . alguns negocios me tem vedado o prazer de estar a teu lado.

ELFRIDE.

Mas julgo ter ouvido ha pouco algumas vozes nesta sala que. . . .

RAMIRO.

(*Rápido*) Que ouviste? . . . que ouviste? . . .

ELFRIDE.

Nada, nada ouvi. Só pareceu-me que erão vozes ameaçadoras. . . . quando dispunha-me a tomar conhecimento. . . . dissipou-se o som dessas vozes, e nada mais ouvi que o vento sibillando pelas frestas das gelosias.

RAMIRO.

Sim, nada houve. . . . tenho estado nesta salla, e nada ouvi. . . . isso foi talvez sonho teu, cara Elfride. . . .

ELFRIDE.

Mas não seria melhor tomares alguma coisa?

RAMIRO.

E para que... se nada tenho?... só quisera que me deixasses por alguns instantes... preciso estar só... sim?...

ELFRIDE.

Eu te deixo, Ramiro... Se precisares alguma coisa chama alguém... eu mesma virei.

RAMIRO.

Pois sim... sim... virás.

ELFRIDE.

(A parte) Ah! *(vae-se)*.

SCENA 5.ª

RAMIRO *(só)*.

Pobre Elfride!... mal sabe ella a dor que me lacera... que me devora!... *(ouve-se tocar o clarim; Ramiro estremece)* O clarim soou, quem será?... sinto um tremor convulsivo... comprime-se-me o coração! *(applicando o ouvido)* mas sinto passos... momento horrivel!... Oh! meu Deus! meu Deus!... *(cahe sobre uma cadeira)*.

SCENA 6.ª

RAMIRO E O BARÃO

(Entrando precipitadamente, e depois Elfride. Alguns trovões echoão ao longe surdamente).

BARÃO.

(Da porta) Ramiro! *(Ramiro levanta-se)* Meu filho!

RAMIRO.

Meu pae! Tão cedo per aqui!

BARÃO.

Venho pedir-te a vida.... um asylo !....

RAMIRO.

(Demonstrando admiração) A vida !.... vós, meu pae ? !

BARÃO.

Escuta... os monstros havião-me ordenado de ser bar-
baro, e meu braço se recusou ao assassinio de um ancião.
Subtrahi-o á ira do Tribunal ; apontei-lhe a fronteira e lhe
dei a liberdade. Oh !.... agora se realisa tudo quanto na
carta hei lido.... talvez que sejas tu mesmo a innocente
causa desta perseguição.

RAMIRO.

Como !....

BARÃO.

Algun ente, invejoso da tua felicidade, terá nas sombras
da mais horrivel traição envolvido todo este trama.

RAMIRO.

Porém, para que assim vos exprimis, meu pae ? que espe-
raes de mim ?

BARÃO.

Não o advinhas ? Venho refugiar-me no teu castello, e
desviar a minha cabeça do perigo que a ameaça !

RAMIRO.

Grande Deos !.... *(cahe em prostração)*.

BARÃO.

Que tens, Ramiro.... teu olhar assusta-me !.... tuas
feições estão alteradas !... Tu salvarás teu pae, não é assim ?

RAMIRO

(Limpendo os olhos) Oh ! meu Deos !

BARÃO.

Que vejo !.... tu choras, Ramiro... bom filho, choras
talvez as desditas de teu pae. Os monstros não ousarão as-
sassinhar-me nos braços de meu filho... *(abraça-o)*.

RAMIRO.

Que me pedis, meu pae? . . . Fugi. . . . fugi para sempre deste castello. . . (os trovões redobram).

BARÃO.

Que dizes?! . . .

RAMIRO.

Fugi deste lugar, que póde ser theatro de um crime horrendo. . . . espantoso!

BARÃO.

Mas que significação estas palavras?

RAMIRO.

Em nome do céo, não me interrogueis. . . . Vinde, quero salvar-vos. . .

BARÃO.

E para onde me conduses?

RAMIRO.

Vinde, eu vol-o peço. . . . toda a demora ser-vos-ia fatal!

BARÃO.

Mas como! . . . pretendes expor-me á inclemencia do tempo? . . . Não ouves como tão fortemente troveja. . . (a porta secreta de novo se abre, e sahê Hatsenfrelld embuçado, lança um olhar raivoso aos dois e desaparece pela porta do fundo. Os trovões augmentão).

RAMIRO.

Deixae este castello. . . . por piedade, meu pae! . . .

BARÃO.

Não ouves o furor dos elementos? . . . não ouves a esplosão do raio? a tempestade que engrossa as torrentes?! . . .

RAMIRO.

Oh! . . . sahi. . . . deixae este castello!

BARÃO.

Barbaro!

RAMIRO.

Oh! meu pae!...

BARÃO.

Tu é que o queres...

RAMIRO.

Sim... sim...

BARÃO.

Pois bem! sim, eu saio, filho ingrato, porém deixo-te o meu odio, invoco sobre ti a vingança do céo!

RAMIRO.

Ah!... Esta porta, meu pae (*indica-lhe a porta secreta*) Esta porta mais depressa vos dará a liberdade, fugi... (*vem entrando Elfride, pára no bastidor, ouve estas ultimas palavras*) Fugi para sempre deste palacio, que é o asylo da morte! (*abre a porta, e empurra o pae. Fusilão os relampagos, os trovões augmentão prodigiosamente*).

BARÃO.

(*Da parte de fóra*) Maldição! maldição sobre ti, filho ingrato!

RAMIRO.

(*Applicando o ouvido*) Ah!!! (*cahe. Elfride corre a elle, e Hatsenfrelde ainda apparece á porta do fundo e some-se*).

SCENA 7.^a

RAMIRO E ELFRIDE.

ELFRIDE.

Meu esposo!... Ramiro...

RAMIRO.

(*Tornando a si, com olhar desvairado*) Suspendei, meu pae! suspendei a vossa maldição!...

ELFRIDE.

Ramiro torna em ti... é Elfride quem te falla... (*Ra-*

miro consegue levantar-se, e vai sentar-se apoiado no braço de Elfride).

RAMIRO.

(Encarando-a) És tu, Elfride!... quanto sou infeliz!... Elfride, ainda possuo o teu coração, não é assim?... O meu palpita dolorosamente... vê, Elfride... mas oh! não... não lho chegues a tua mão... aqui ha um ferro... um punhal!...

ELFRIDE.

Um punhal?... E para que?

RAMIRO.

Um punhal disse eu?... Oh! não... aqui só ha um coração que é todo teu.

ELFRIDE.

Ah! Ramiro, tu occultas-me um segredo fatal. A tua esposa não é digna de partilhar esse segredo, e soffres no silencio amargos instantes de pesar e lagrimas. Que quer isso dizer, Ramiro? Que scenas se representão a meus olhos? Inda ha pouco deixei-te entregue a negros desgostos, e agora venho encontrar-te prostrado por terra, quasi inanimado, fulminado pelas palavras de teu pae...

RAMIRO.

Pois que! tu visto-o?...

ELFRIDE.

Sim eu o vi, e não sei a que attribuir este teu procedimento...

RAMIRO.

Não o sabes?... Vaes saber-o. Tens agora sobejos direitos á minha confidencia, pois que foste testemunha da ultima parte da infausta conferencia com meu pae. Elle vinha pedir-me uma hospitalidade, e eu repelli-o, vinha implorar a minha piedade, e eu cruelmente o expulsei... Os trovões annunciávão a colera de Deos, a tempestade bramia horrivelmente, os relampagos fusilavão alternativamente, e eu, não obstante o furor dos elementos, recusei-lhe um asylo! Oh! parece que nesse instante senti uma mão gelada, que me comprimia o coração, sentia um suor frio, que me inundava o

corpo, meus cabellos arripiados, tudo revelava o aspecto da destruição humana. Uma voz sepulchral e horrenda se fez então ouvir. . . . uma voz rouca e ameaçadora clamava! Maldição! maldição sobre ti, filho ingrato!

ELFRIDE.

Ah! Ramiro, que fizeste? . . . expulsaste o author de teus dias, pagaste com ingratidão ao pobre velho, que tanto te amava, ao pobre pae que te idolatrava? teme a justiça do céo, teme a ira de Deus! . . .

RAMIRO.

Oh! não me obrigues a mostrar-te a verdade. . . . não prosigas, Elfride. . . .

ELFRIDE.

Não. . . . não! . . . Ramiro, já sei parte deste horrivel attentado, é forçoso revelar-me o resto. Justifica-te a meus olhos, aliás ver-me-has morrer de dor a teus pés.

RAMIRO.

Não exijas, Elfrido, uma tal revelação. Em toda essa narração ha cousas horrendas. . . .

ELFRIDE.

Embora. . . . para tudo estou preparada, menos para a tua deslealdade.

RAMIRO.

Pois bem, tu vaes tremer. Triumpharão tuas graças, tuas virtudes, e direitos de esposa. Queres saber porque expulsei meu pae? . . . por que lhe neguei a sua presença neste castello? . . . por que era um condemnado. . . . um infeliz sobre quem pairava ameaçadora morte. . . . sobre quem se havião alçado os punhaes do um centenar de homens . . . e eu. . . . eu devia ser o seu executor! . . .

ELFRIDE.

Desgraçado! . . . e que fizeste? acaba! . . . acaba! . . .

RAMIRO.

Abri-lhe aquella porta, e dei-lhe segura liberdade.

ELFRIDE.

Oh ! hem fizeste, Ramiro ! seres tu o seu algoz, jámais... jámais...

RAMIRO.

E no entanto era forçoso que o fosse. não sabes que me havião entregado um ferro.... que um poder maldito me constrangera a perpetrar um crime.... Se soubesses, minha Elfride, os juramentos que me prendem... sim ! tu tremarias. O Tribunal Secreto e todos os seus satellites apontarão-me o caminho da maldição... attrahirão-me a colera do céo, o escandalo e a abominação de toda a sociedade... entregáram-me um punhal... (*tira o punhal do seio*) decretarão a morte do Barão de Altorff... (*estremece Elfride*) de meu pae !... oh ! horror !... (*pequena pausa e em detirio*) Não vês o Tribunal... com aquella multidão de juizes, de olhar feroz, de sinistro aspecto.... forão elles.... sim, lorão elles que decretarão a morte de meu pae !... Vês aquelles quatro homens armados de pesadas massas de ferro.... esperão-me, para saciar a vingança do Tribunal.... para punir o delinquente... para torturar um filho que não quiz matar seu pae ! Oh ! parae.... parae.... homens sem piedade : O céo não approvou jámais um tal attentado... a terra estremeceu ao vosso mandado... a natureza gemeo... o inferno rio da vossa resolução !... (*cingindo Elfride*) Mas elles ahí vem... afasta-os... supplica-lhes !... intercede por teu esposo que vae morrer...

ELFRIDE.

Ramiro ! Oh ! não... não morrerás !...

RAMIRO,

Mas, que disse eu ! Onde estou ?... que he dos homens negros cujo aspecto me horrorisava ?... onde estão os juizes ameaçadores ?... (*acalmado se*) Ah ! tudo foi um horrivel sonho.... mas elles, é verdade, que querem a minha morte... querem tambem extinguir o filho.... Oh ! vae-te... vae-te, Elfride... não queiras ver salpicados os teus vestidos com o sangue de teu esposo. Vae-te, que os barbaros não tardão.... e então ah ! então morrerrei.... morrerrei... (*vae-se precipitadamente pelo fundo*).

SCENA 8.

ELFRIDE (só).

(*Principia a romper o dia*) Ceos! que desgraça é a minha!... Oh! Deos!... fulminae os monstros!... soltae sobre elles o raio vingador!... Que jámais o filho seja o algoz de seu pae!... Maldito seja o Tribunal onde o filho não poupa o author de seus dias.

SCENA 9.

ELFRIDE E BARÃO.

(*A porta falsa*) Elfride! tu ao menos terás compaixão de mim!...

ELFRIDE.

Meu pae!...

BARÃO.

(*Vindo á scena*) Elfride! Elfride! soccorre-me! Onde está meu filho, que elle me não veja... occulta-me!... apressa-te... apressa-te, Elfride... os infames pedem a minha morte...

ELFRIDE.

(*A parte*) Que farei, meu Deos!... (*alto*) Mas aonde, meu pae, onde poderei occultar-vos?... esperae... esperae... vou procurar-vos meios... (*vae-se*).

SCENA 10.

BARÃO (só).

(*E logo Ramiro que entra pelo fundo, e fica horrorisado á vista do Barão*).

BARÃO.

Meu filho, ousou negar-me um asylo!...

RAMIRO.

Ah! . . . que incrível fatalidade ainda aqui vos conduz! . . . por tudo quanto ha de mais santo e nobre, fugi, desapparecei desta habitação da morte!

BARÃO.

Primeiro me dirás que motivo te obriga a ser cruel para com teu pae. . . . sim, do contrario não darei um passo. . . . não deixarei este lugar. . . .

RAMIRO.

Quereis saber qual o motivo? . . . é por que sou bom filho! . . . sou ainda o nobre cavalleiro Ramiro de Rustald, porque não quero a vossa morte. . . . porque. . . . (*hesitando*) porque não quero ser um parricida!

BARÃO.

Pois tu serias acaso. . . .

RAMIRO.

O indicado pelo Tribunal Secreto para dar-vos a morte!

BARÃO.

(*Cahindo prostrado n'uma cadeira*) Ah! . . . os infames! Insensíveis a tudo quanto ha de santo e sagrado! . . . mas, ainda uma vez, será isto verdade?

RAMIRO.

Neste punhal lereis a divisa do Tribunal. . . . nesse aço homicida vereis gravadas as tremendas palavras.

BARÃO.

(*Levanta-se reparando*) (*lê*) « Tribunal Secreto. » Oh! horror! . . . e quizerão que o filho immolasse desapiedadamente o pae! não sentirão que sangue humano tambem corre em minhas veias. . . . Sceleratos! . . . que despedação assim os vinculos da natureza, que derribão tudo quanto a religião e as leis abençoão. . . . Oh! embora me não proteja a justiça dos homens, apellarei para a justiça de Deos! (*para*) Aqui tens, meu filho (*entrega-lhe o punhal*) Aqui tens esse instrumento com que vaes manchar as tuas mãos puras. . . . fere. . . . fere sem piedade. . . . (*vae-se prostrando aos*

pés de Ramiro. Hatsenfrelld apparece á porta do fundo) Ninguém te arguirá de um tal crime. O Tribunal te obrigou, deves-lhe obedecer, aliás serão duas as victimas. . . . Vamos! a Eternidade me espera. . . .

RAMIRO.

Oh! não. . . . nunca. . . .

BARÃO.

Pois que! . . . (*levantando-se*) Toma sentido com os severos juizes que ficarão sendo duas vezes enganados na execução de suas vinganças. . . . attrahirás sobre tua cabeça os mais horrendos supplicios. . . . em lugar de um só condemnado, apparecerão dois, em lugar de uma victima, elles contarão duas.

RAMIRO.

Embora, serei eu uma dellas, e se me condemnarem, morreréi por uma causa justa e sagrada, morro por quo salvei meu pae.

BARÃO.

E Elfride, tua esposa? . . .

RAMIRO.

Abençoará a minha memoria cá neste mundo, e orará pela minha eterna felicidade lá no outro.

BARÃO.

Mas que será della, sem um apoio? exposta aos tropeços deste mundo de illusões?

RAMIRO.

Mas que seria della, se seu espose trouxesse impresso na fronte, o ferrete da mais vil e odiosa infamação, se suas mãos, até aqui puras, escorressem sangue de seu pae, se um futuro horrivel se projectasse ante ella e seus filhos! . . .

BARÃO.

Ramiro! . . . Oh! meu filho!

RAMIRO.

Basta, meu pae, vós vivereis para consolo e arrimo da minha Elfride, vós sereis sempre o seu protector, o seu pae. . . .

encarando o punhal) Some-te, instrumento do crime, e some-te para sempre das minhas mãos. . . . *(Atira com o punhal para longe)*

BARÃO.

Oh! vê o que fazes, meu filho. . . *(em acção de abraçat-o)*.

RAMIRO.

Meu pae! . . . tenho decidido *(abraçando-o)* Jámais serei o vosso assassino! Ide, meu pae, ide á presença de vossa filha, que ella conheça d'ora avante quem é o seu protector. . . eu irei d'aqui a pouco despedir-me della. . . sim. . . *(compungido)* imprimir-lhe inda nos labios. . . o derradeiro osculo de um amor tão puro! *(o Barão com o lenço nos olhos, machinalmente cae-se. Ramiro cahe sobre uma cadeira)*.

SCENA 11.^a

RAMIRO *(só)*.

(Em meditação, depois de pequena pausa).

Terriveis scenas se amontoão inda na derradeira hora da minha existencial! Vou d'aqui a pouco entrever o mundo de meus avós, onde a virtude é coroada. Vou gosar na Eternidade outras delicias mais puras, do que aquellas que cá na terragosei. Vou morrer. . . E que importa morrer? . . . se se deixa esta terra de exilio, onde só impera o vicio e a maldade! . . . *(pausa)* Oh! mas morrer sem ter assás vivido, deixando uma esposa idolatrada, uma mulher digna do amor e respeito do mundo inteiro. . . deixal-a. . . sem haver exgotado o calix do prazer e da suprema felicidade! . . . morrer sem haver sido pesado á sociedade, sem commetter um delicto. . . Oh! é um flagello que só na tumba extinguir-se pôde. . . é um tormento que só a morte poderá esvaecer-me. . .

SCENA 12.^a

RAMIRO E HATSENFELD.

(Que vem entrando vagaroso em scena, e dirige-se para Ramiro, escuta e conserva-se por detraz de sua cadeira).

RAMIRO.

Momento horroroso!... é forçoso vel-a pela ultima vez... e terei forças para arrastar-me a seus pés!... que poderei dizer-lhe? Ah! quão penosas me serão as expressões da despedida... quão doloroso será este instante presidido pelas sombras da morte... poderei acaso dizer-lhe: — Esposa, vou morrer, eis o ultimo osculo... o derradeiro suspiro do amor que cá na terra te consagrei... lembra-te de teu esposo, tributa-lhe uma lagrima saudosa, e vae sobre a sua campa espalhar as folhas do cypreste!... (*Hatsenfeld bate-lhe no hombro, Ramiro volta e levanta-se*) Quem sois?... (*à parte*) Oh!... ainda o mesmo homem! (*alto*) Que pretendeis, viudes escarnecer da minha dor?!

HATSENFELD.

Escusado é dizer-vos o motivo que aqui me traz, deveis sabel-o...

RAMIRO.

Explicae-vos.

HATSENFELD.

São igualmente excusadas explicações. Cumpristes com as ordens do Tribunal? Executastes o traidor?

RAMIRO.

Desobedeci ao Tribunal, porque assim me aprouve.

HATSENFELD.

Atraçoastes o vosso juramento?...

RAMIRO.

Não atraçoaei, obedeci aos impulsos da natureza.

HATSENFELD.

Temerario! e a sorte reservada aos perjuros?

RAMIRO.

Não fui perjuro, o Tribunal não pôde condemnar-me:

jurei executar as suas ordens. . . . Oh! mas eu nunca julguei que o Tribunal obrigasse um filho a assassinar seu pae. Devo meu braço ao cumprimento de meus juramentos, mas nunca o levantarei para satisfazer uma tão horrivel vingança!

HATSENFRELD.

Cavalleiro! Lembrae-vos que o Tribunal tudo saberá, que a vingança mais atroz pôde aniquillar-vos. As espadas e punhaes dos Juizes livres nada são á vista das torturas que esperão vosso corpo, amanhã já nada restara do senhor do Castello de Oppenheim!

RAMIRO.

E daqui a alguns dias a sociedade se levantará pedindo contas ao Tribunal dos horrores de que tem sido theatro, homens sem moral, sem religião, e sem leis!

HATSENFRELD.

Insultaes o Tribunal, senhor cavalleiro! e na presença de um dos membros mais graduados. . . .

RAMIRO.

Insulto todos aquelles que sem temor ás instituições divinas, são os algozes da humanidade.

HATSENFRELD.

Mais respeito, cavalleiro, mais respeito para com um juiz livre! . . .

RAMIRO.

Respeito para com um juiz livre? . . . respeito a ti? . . . eu não respeito o infame criado portador de uma ordem barbara e execranda, não respeito o cumplice de uma traição tão nefanda.

HATSENFRELD

Basta, cavalleiro, basta. . . . de sobejo tendes zombado da minha paciencia. Não me obrigueis a punir tanta insolencia.

RAMIRO.

Insolencia! tu é que és um insolente. . . . sahe. . . . sahe quanto antes do meu castello, aliás mandarei espancar-te

por meus criados. Oh!... mas não sahirás, sem que primeiro tires a viseira que encobre um rosto criminoso, salpicado talvez pelo sangue das victimas. (*Avança para elle, em acção de levantar-lhe a viseira, mas hesita*) Não, não; é demasiada honra para o emissario de um traider.

HATSENFRELD.

Nada de violencias cavalleiro! aliás... (*quer puxar pelo gladio*).

RAMIRO.

(*Chamando*) Olá criados!

HATSENFRELD.

(*A parte*) O infame!...

SCENA 13.^a

OS MESMOS, O BARÃO, ELFRIDE, JULIA E CRIADOS.

RAMIRO.

Desarmae esse cavalleiro, e levantae-lhe a viseira! (*dois criados avançam*).

HATSENFRELD.

Que nem um só ouse por-me a mão.

ELFRIDE.

(*Estremecendo e á parte*) Esta voz!...

HATSENFRELD.

Vou satisfazer-vos, senhor cavalleiro, sem que para isso seja necessario empregar a violencia (*levanta a viseira*).

TODOS.

Hatsenfrelld!... (*Hatsenfrelld crusa os braços e escuta*).

BARÃO.

Ah! é elle mesmo!... vil perseguidor de toda a minha familia!... já não posso mais duvidar do teu odio... aqui

me tens agora... vae accusar-me inda uma vez ao Tribunal... dize aos juizes livres que achei um defensor no meu assassino... mas dize-lhe tambem que o Barão de Altorff reconhece toda a injustiça do Tribunal... e que se as vozes do traidor se escutão, as do innocente devem ser attendidas.

RAMIRO.

Sim... vae... e participa-lhe que ambos iremos offer-tar nossas cabeças, mas que tambem confiamos que antes da execução seremos ouvidos... Vae, malvado... infame!... só tu serias capaz de uma tão infernal machinação (*ouve-se tocar o clarim, ao que todos prestão attenção*).

HATSENFRELD.

(*Ironico*) No Tribunal vos aguardo, cavalleiro D. Ramiro de Rustald!

RAMIRO.

(*O mesmo*) No Tribunal serei comvosco, conde de Hatsenfrel!

HATSENFRELD.

(*O mesmo*) Adeos, senhor cavalleiro!

RAMIRO.

(*O mesmo*) Adeos, senhor conde!...

HATSENFRELD.

(*Vae a sahir pela porta do fundo, e encontra-se com Roberto, mascarado e embucado, que o segura fortemente pelo braço. À parte*) Sempre o mesmo homem... Que pretendes? quem vos obriga a seguir meus passos?!...

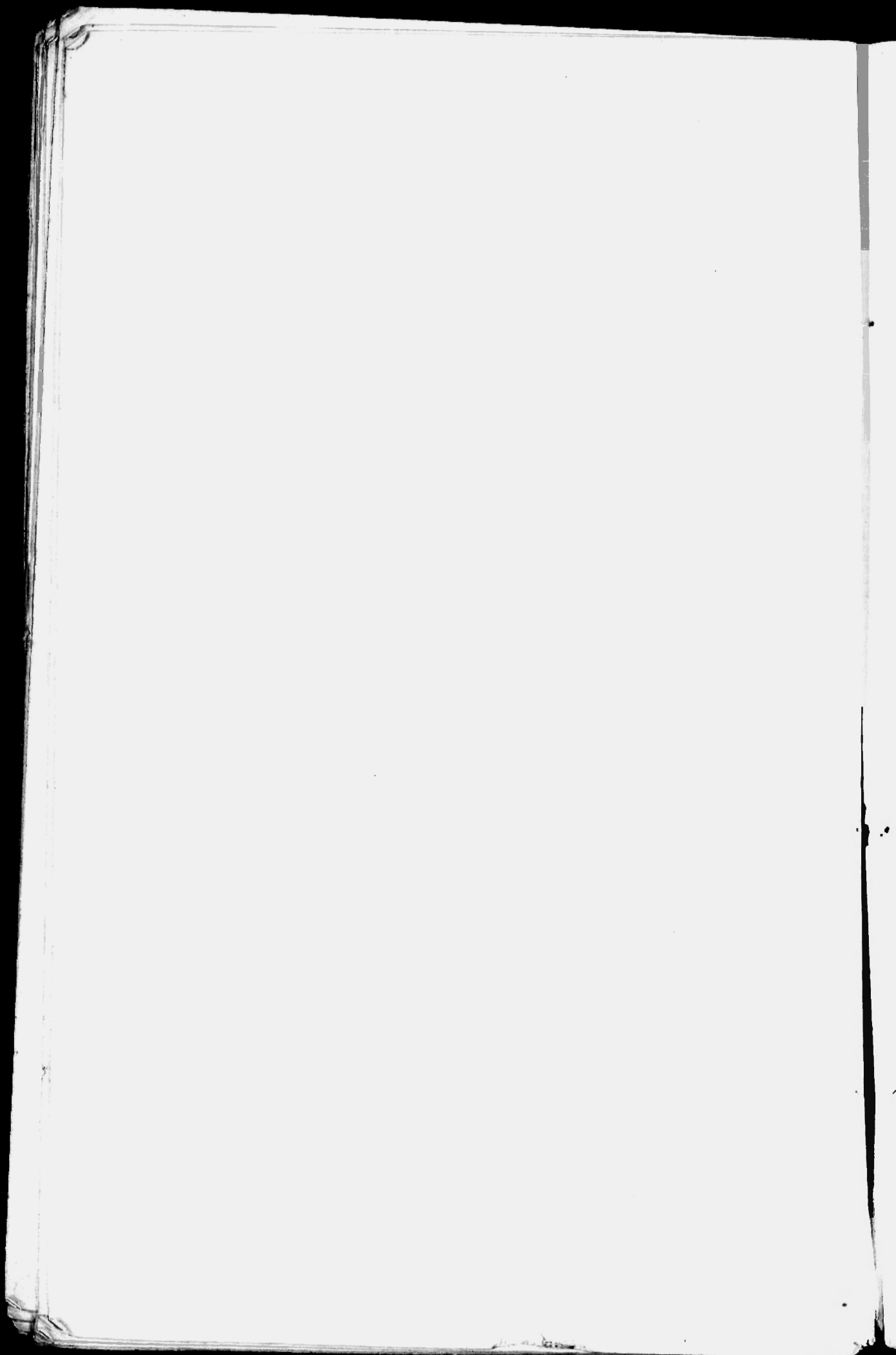
ROBERTO.

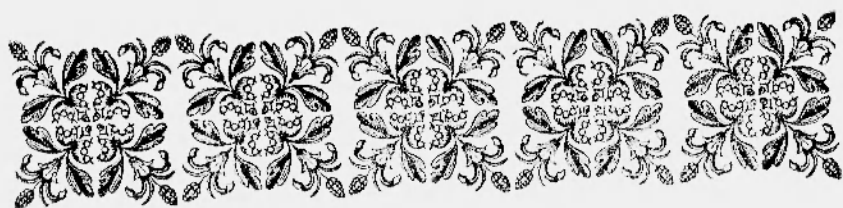
(*Aponta para o céu, e assim fica. Todos ficão desde a entrada de Roberto surprehendidos. Hatsenfrelld retira-se timorato*).

FIM DO QUARTO QUADRO.

QUINTO ACTO.

O TRIBUNAL SECRETO.





ACTO V.

QUADRO V.º

O theatro representa um bosque com caverna ao F., na sua extremidade divisa-se uma grande mesa de pedra, e em roda se achão sentados os juizes livres; sobre ella, á direita do Juiz Presidente, um broquel: quatro tocheiras circundão a mesa. Hatsenfrelld está collocado á D., na extremidade 4 familiares estão de guarda á entrada da caverna, apoiados em grossas massas de ferro. Logo que o pano for acima, todos os juizes devem achar-se com os braços em acção de dormir, aguardando a 12.ª hora. Tudo traja samarras pretas.

SCENA 1.ª

RAMIRO E O BARÃO.

(Descendo, encapotados, pela direita, e atravessando a scena).

RAMIRO.

(Pequena pausa, em observação) Por aqui, meu pae, não devemos estar longe do lugar. . . . meia noite não deve tar-

dar para se dar principio aos mysteriosos trabalhos. Vamos, vamos. . . .

SCENA 2.^a

OS MESMOS, E UM FAMILIAR.

(*Que sahe da esquerda, armado de punhal e corda*).

BARÃO.

Alguem se aproxima. . . .

RAMIRO.

(*A meia voz*) Quem vem lá? . . . seréis acaso do Tribunal. . . . (*o familiar vae-se afastando*) Quem quer que sejas, não vos afasteis, somos dois membros do Tribunal Secreto. (*O familiar volta e aperta-lhe a mão, diz-lhe algumas palavras ao ouvido, vae-se retirando pela direita, e encontra-se com um outro familiar tambem armado que vem do mesmo lado, pára e recebe ao ouvido algumas palavras, findo o que, cada qual se retira por lados oppostos. Ouve-se dar doze horas.*

SCENA 3.^a

OS MESMOS. MENOS RAMIRO E O BARÃO.

(*Um familiar accende as quatro tocheiras*).

PRESIDENTE.

(*Levanta-se, pega em uma varinha de marfim, e com ella dá tres pancadas sobre o broquel. Todos os juizes livres se levantão. Pequena pausa*) Sabios juizes, que tão dignamente honraes este mysterioso recinto, onde se observão os mais severos principios de moral e virtude, está aberta a sessão. Vão começar-se os nossos invisiveis trabalhos. Quisera eu que do mesmo modo que se achão em vigor os Estatutos, aos quaes solememente vos submette tes, se observasse hoje tambem a mais rigida justiça. Já por varias vezes em sessão desta natureza vos haveis portado com a rectidão que deve caracterisar os cargos que occupaes; portanto a vossa consciencia vae

demonstrar-se na condemnação ou absolvição dos accusados, que procurão justificar-se ante o Tribunal. Não vos é estranha a maneira por que temos castigado o perjurio, inexoraveis temos sido sempre para com aquelles que, vioiando os preceitos da nossa associação, ousarão zombar da sua força e do seu poder. Não vos são igualmente estranhos os crimes em que se achão incursos esses dois membros que ora vão com-darecer á vossa presença. Quiserão que o Tribunal os ouvisse e o Tribunal ouviu-os-ha. Não somos nós tão inhumanos que os condemnemos, sem primeiro os ouvir. (*Senta-se, todos os mais juizes igualmente. Um familiar aproxima-se perante o Tribunal a um signal do presidente*) Dizei ao Barão de Altorff que compareça. (*Silencio até á entrada do Barão, todos os juizes cruzão os braços*).

SCENA 4.^a

OS MESMOS, E O BARÃO.

PRESIDENTE.

Approximae-vos. Queremos ouvir a vossa defesa; ponderae nas palavras que ides pronunciar. O Tribunal vae pesquisar e decidir a grave accusação que pesa sobre vós.

BARÃO.

Senhores: Em primeiro lugar dir-vos-hei, que o Tribunal foi injusto para comigo.

PRESIDENTE.

Injusto!... Acaso cumpristes com as ordens desse mesmo Tribunal que chamaes injusto? Livrastes acaso a Allemanha do homem perigoso, que devicis executar?

BARÃO.

Sim, senhor. Separando o para sempre da sua patria, impedi-o de ser perigoso.

PRESIDENTE.

E com que authoridade o fizestes?

BARÃO.

Com a authoridade que dimana da brandura, da affeição. Outro que não eu, deixaria de cumprir com as ordens

do Tribunal. Não sabia qual o crime do homem que mandaveis executar, nem mesmo podia descarregar o golpe sobre o infeliz, sem affrontar o antigo costume do Tribunal. Os nossos Estatutos não condemnão o homem sem primeiro o ouvir, e acaso foi ouvido e convencido o nosso ex-irmão Jorge Alder? Esse infeliz estava alheio a tudo quanto se passava no Tribunal, não havia sido ouvido nem plenamente convencido do seu crime? E se depois de sua morte, algum dos membros deste Tribunal se lembrasse de minuciosamente inquirir as circumstancias da sua condemnação, se houvera maduramente reflectido na promptidão com que o Tribunal havia julgado, não censuraria por ventura os juizes, que haviam decretado a sua morte, não amaldiçoaria o seu executor?!... Daqui, senhores, poderia dimanar uma serie de contrariedades para o Tribunal. Seguir-se-ia d'aqui em diante um systema pernicioso que levaria á condemnação muitas victimas embora innocentes! Bem sabeis, senhores, que os nossos Estatutos tem regulado esta associação por um grande espaço de tempo, sem jámais terem sido alterados, e se agora urge uma tal necessidade, seria forçoso convocar de antemão o Tribunal para uma tal reforma (*pausa*) Quando essa ordem me foi entregue em nome do Tribunal, eu duvidei da sua legitimidade, não quiz crêr que o Tribunal tão de prompto sacrificasse uma victima.... tive piedade desse desafortunado.... de seus innocentes filhos.... que ião ficar orphãos.... e votados á penuria! Esse homem que condemnastes, morreu para nós, renunciou seus bens, sua patria, seus filhos, e entregue á mais pungente dor, lá foi viver para os desertos d'Africa! Desliguei-o dessa terra que o perseguia, e inutilisei-o para a renovação de outro qualquer crime. Que maior castigo poderia elle ter do que ver-se privado do paiz que o vio nascer, dos parentes, e dos amigos; exilado e completamente morto para a sociedade?... Tenho, senhores, terminado uma parte da defesa, que tinha de apresentar-vos, resta me lembrar-vos que, se á vista das poderosas rasões que vou apresentando, o Tribunal não póde absolver-me, se a minha humanidade merece a morte.... invoco ao menos a clemencia desse mesmo Tribunal em favor de meu filho, cujo unico crime é ter olhado com horror para o punhal que se lhe apresentou.... e haver-se negado á execução do seu pae!...

PRESIDENTE.

(Admirado) O vosso filho?!...

BARÃO.

Meu filho. . . . sim. . . . que não podia ser insensível á desvellada educação que do seu pae ha recebido! Oh! . . . permitti-me, senhores. . . . não vejo já aquella nobre dignidade de justiça. . . . vejo o Tribunal envolver-se em uma vingança particular. . . . vejo que é illudido por um perfido. . . . por um traidor. . . .

PRESIDENTE.

Que dizeis? . . .

BARÃO.

Digo, senhor, que ha neste horrivel enredo uma mistura de odio e vingança que só tem por alvo a minha morte e a do meu filho! Entre todos os juizes que me ouvem ha um, que se torna indigno do lugar que occupa: Esse homem não occultarei seu nome. . . . é Hatsenfheld!!!

HATSENFELD.

Não deis credito ás palavras de um impostor. . .

PRESIDENTE.

Não vos é permittido por ora tomar a palavra sem que o accusado se haja cabalmente defendido.

BARÃO.

Senhores. . . . que o Barão de Altorff fosse condemnado á morte, a soffrer os mais horribéis castigos, concordo, mas que para executor da sentença nomeassem seu filho. . . . Oh! desculpae, senhores, isso é sobremaneira duro. O juramento prestado solemnemente por cada membro, assim o exige, mas bem sabeis que, desde o começo desta respeitavel associação, inda não houve um só exemplo destes. Um filho matar seu pae. . . . é um acto que repugna á natureza! Não deixeis levar a vossa consciencia por uma accusação falsa. . . . urdida por um homem máo. . . . que só respira vingança! . . .

PRESIDENTE.

Vingança! . . .

BARÃO.

Sim, vingança! Esse homem vota a toda a minha familia odio mortal, e tudo sacrificará para levar ao cabo infernaes tramas! Esse homem, senhores, foi indigno tutor da joven

Elfrido Morel, hoje esposa de meu filho. E eu vou descer a circumstancias vergonhosas, mas que devem depôr a meu favor, e esclarecer os meus juizes, sobre quem tem tentado a minha ruina. Se me permittis, senhores, eu vou dar principio.

PRESIDENTE

Continuao.

HATSENFRELD.

(*A parte*) Grande Deos, que dirá elle!

BARÃO.

Um mez ha, senhores, que uma donzella, disfarçada sob o trage de homem, caminhava apressada por uma das nossas estradas, quando de repente se vio acossada por um salteador que a queria obrigar a segui-lo. Gritava a infeliz por soccorro, quando inesperadamente o acaso fez passar meu filho pelo theatro desta violencia. Aos gritos que a infeliz dava, acudio meu filho, que, libertando-a dos braços do seu perseguidor, para logo a conduzio á casa de Frank o Estalajadeiro. Desse dia datou a amizade, o amor de meu filho para com a infeliz. Veio elle no conhecimento do mysterio que envolvia a pobre menina. Uma horrivel fatalidade lhe desvanecio todas as sombras do mysterio. . . . Ah! Senhores. . . não sei como tenha coragem para revelar-vos todo o odioso desta vergonhosa cavillação. Hatsenfrelld havia sido nomeado tutor dessa desgraçada. Na idade de deseseis annos, Elfride apresentava todos os detes da formosura, mas, nem a situação em que esta se achava, nem o respeito que devia ao seu sexo, nem a lembrança de que a misera era uma orphã. . . . valerão ao monstro a compaixão. Tentou roubar-lhe o unico bem que possuia, a honra, e para isso quiz valer-se da violencia! A innocente tratou quanto antes de evitar o furor brutal do seu tutor, abandonou-o, e em trage disfarçado entregou-se á inclemencia da sorte. O pertinaz Hatsenfrelld correu em demanda de sua pupila, e foi encontral-a em casa de Frank do que ha pouco vos fallei. Esensado é dizer-vos que esse encontro foi terrivel, o malvado quiz empregar a força para a levar em sua companhia, mas tudo foi baldado, por que Ramiro ainda uma vez foi o seu defensor! Corrido e affrontado, Hatsenfrelld urdio no silencio todos os meios de destruir-nos, e consummou com effeito a sua obra! Quiz vingar-se, e para isso fez indicar, pae e filho, para duas execuções, por elle ma-

chinadas, para sua vingança ser mais completa. Uma carta, dirigida a mim por esse homem, comprova toda a sua vingança. Escusado é dizer-vos mais, senhores, o resto vós o sabeis.

PRESIDENTE.

Tenho ouvido as vossas rasões, cumpre-me agora convocar todos os juizes presentes a ouvirem o depoimento de Hatsenfrelde accusado em face do Tribunal pelo crime de subornador. Fallae, senhor conde, e temei a severidade deste Tribunal, se as vossas palavras não forem cunhadas pela verdade. Na vossa presença está um membro accusado que vae ser julgado pelo que ides pronunciar.

HATSENFRELD.

(Levanta-se) Só tenho a responder a essa accusação sem fundamento, que nem odio, nem vingança, guiarão jámais meus passos. É verdade que eu fui o tutor de Elfride Morel; jámais porém hei abusado da sua innocencia.

PRESIDENTE.

Mas em tudo o que o Barão de Altorff acabou de allegar, ha uma prova que vos crimina. Julgo que fostes vós que propuzestes para executor de Jorge Alder ao Barão de Altorff.

HATSENFRELD.

É verdade; porém nunca procurei vingança do tal natureza. . . .

PRESIDENTE.

Mas, como havendo entre nós tantos membros, vos lembrastes do Barão, e ardentemente sollicitastes a sua nomeação, como se della dependesse a boa sorte da causa que defendeis?

HATSENFRELD.

(Um tanto perturbado) O Barão de Altorff julgo ser aquelle que. . . . o Tribunal devera escolher, e como tal. . . . o propuz. . . .

PRESIDENTE.

Mas os nossos Estatutos só nomeião executores áquelles que, novamente entrados, devem mostrar coragem e firmeza.

Elfride Morel, hoje esposa de meu filho. E eu vou descer a circumstancias vergonhosas, mas que devem depôr a meu favor, e esclarecer os meus juizes, sobre quem tem tentado a minha ruina. Sem me permittis, senhores, eu vou dar principio.

PRESIDENTE

Continuao.

HATSENFRELD.

(*A parte*) Grande Deos, que dirá elle!

BARÃO.

Um mez ha, senhores, que uma donzella, disfarçada sob o trage de homem, caminhava apressada por uma das nossas estradas, quando de repente se vio assediada por um salteador que a queria obrigar a segui-lo. Gritava a infeliz por soccorro, quando inesperadamente o acaso fez passar meu filho pelo theatro desta violencia. Aos gritos que a infeliz dava, acudio meu filho, que, libertando-a dos braços do seu perseguidor, pare logo a conduzio á casa de Frank o Estalajadeiro. Desso dia datou a amizade, o amor de meu filho para com a infeliz. Veio elle no conhecimento do mysterio que envolvia a pobre menina. Uma horrivel fatalidade lhe desvanecio todas as sombras do mysterio. . . . Ah! Senhores. . . não sei como tenha coragem para revelar-vos todo o odioso desta vergonhosa cavillação. Hatsenfeld havia sido nomeado tutor dessa desgraçada. Na idade de deseseis annos, Elfride apresentava todos os detes da formosura, mas, nem a situação em que esta se achava, nem o respeito que devia ao seu sexo, nem a lembrança de que a misera era uma orphã. . . . valerão ao monstro a compaixão. Tentou roubar-lhe o unico bem que possuia, a honra, e para isso quiz valer-se da violencia! A innocente tratou quanto antes de evitar o furor brutal do seu tutor, abandonou-o, e em trage disfarçado entregou-se á inclemencia da sorte. O pertinaz Hatsenfeld correu em demanda de sua pupila, e foi encontral-a em casa de Frank do que ha pouco vos fallei. Pensado é dizer-vos que esse encontro foi terrivel, o malvado quiz empregar a força para a levar em sua companhia, mas tudo foi baldado, por que Ramiro ainda uma vez foi o seu defensor! Corrido e affrontado, Hatsenfeld urdio no silencio todos os meios de destruir-nos, e consummou com effeito a sua obra! Quiz vingar-se, e para isso fez indicar, pae e filho, para duas execuções, por elle ma-

chinadas, para sua vingança ser mais completa. Uma carta, dirigida a mim por esse homem, comprova toda a sua vingança. Escusado é dizer-vos mais, senhores, o resto vós o sabeis.

PRESIDENTE.

Tenho ouvido as vossas rasões, cumpre-me agora convocar todos os juizes presentes a ouvirem o depoimento de Hatsenfrelde accusado em face do Tribunal pelo crime de subornador. Fallae, senhor conde, e temei a severidade deste Tribunal, se as vossas palavras não forem cunhadas pela verdade. Na vossa presença está um membro accusado que vae ser julgado pelo que ides pronunciar.

HATSENFRELD.

(Levanta-se) Só tenho a responder a essa accusação sem fundamento, que nem odio, nem vingança, guiarão jámais meus passos. É verdade que eu fui o tutor de Elfride Morel; jámais porém hei abusado da sua innocencia.

PRESIDENTE.

Mas em tudo o que o Barão de Altorff acabou de allegar, ha uma prova que vos crimina. Julgo que fostes vós que propuzestes para executor de Jorge Alder ao Barão de Altorff.

HATSENFRELD.

É verdade; porém nunca procurei vingança do tal natureza. . . .

PRESIDENTE.

Mas, como havendo entre nós tantos membros, vos lembrastes do Barão, e ardentemente sollicitastes a sua nomeação, como se della dependesse a boa sorte da causa que defendeis?

HATSENFRELD.

(Um tanto perturbado) O Barão de Altorff julgo ser aquelle que. . . . o Tribunal devera escolher, e como tal. . . . o propuz. . . .

PRESIDENTE.

Mas os nossos Estatutos só nomeião executores aquelles que, novamente entrados, devem mostrar coragem e firmeza.

Com quanto o Tribunal houvera approvedo uma tal nomeação, julgo divisar nas razões do Barão e nas vossas um limbo occulto, que não deixa de criminar-vos. Vamos, senhor conde, é forçoso que o Tribunal tome conhecimento de tudo. Se sois innocente, ai de vós, Barão de Altorff! se sois criminoso, tremei da ira, da justiça com que esse Tribunal vos hade julgar! . . .

HATSENFRELD.

Repito-vos, senhor, que nada ha, que tudo quanto esse homem diz é falso! . . .

BARÃO.

Infame! . . . ousas desmentir-me! (*tirando da algibeira uma carta*) Aqui tendes, senhor, prova mais authentica da sua criminalidade, julgai-o agora pela sua propria carta.

HATSENFRELD.

(*A parte*) Estou perdido! (*alto*) É mais uma impostura, senhor, não deis valor a tal documento. . . .

PRESIDENTE.

Basta, senhor conde, o Tribunal vae tomar na devida consideração o conteúdo dessa carta; por agora suspenderemos o juizo della. É forçoso julgarmos o outro accusado, e portanto (*para um familiar*) Podeis introduzil-o. (*Reina o mais profundo silencio até a entrada de Ramiro*).

SCENA 5.^a

OS MESMOS E D. RAMIRO.

PRESIDENTE.

(*Para Ramiro*) Sois accusado de não haver cumpriido as deliberações do Tribunal. Qual o motivo que vos levou a zombar das ordens que se vos intimarão? . . .

RAMIRO.

Que poderei eu dizer, senhor, em meu abono, que não seja a pura verdade, e firmado nos sentimentos de humanidade que Deos conferio aos homens? . . . sou accusado de não ha-

ver assassinado meu pae!... (*commoção geral*) Sim, senhores, o Tribunal Secreto havia decretado a morte de meu pae, e para executor nomearão seu proprio filho!... Deveis conceber qual seja a triste situação do homem que é constrangido, por um poder immenso, a assassinar o author de seus dias... não pude esquivar-me aos maviosos sons da virtude que ferirão meu coração na parte mais sensivel!... Um parricida!... figurae-vos, senhores, o horror de um tal epitheto!... Não quero eximir-me ao castigo que o Tribunal me impõe, mas não queiraes a minha morte, sem indagar primeiro todas as circumstancias que me collocarão em uma tão horrivel situação... Podieis ser illudidos, senhores... e dessa forma gemer a innocencia sob os mais terriveis castigos... lembrai-vos que ha homens que não trepidão em atraiçoar a sua consciencia, comtanto que vejam cumpridos os seus designios!...

BARÃO.

(*A meia voz*) Animo, meu filho!...

RAMIRO.

Meu pae!... (*reina por alguns instantes o silencio*).

PRESIDENTE.

Suspenderei, senhores, o interrogatorio deste accusado, pois um secreto presentimento me diz que esta carta fornecerá a chave de todo este mysterio. Vou proceder á leitura, e Deos illumine o entendimento de todos os juizes deste Tribunal (*lendo*) « Senhor Barão. Havendo-se ausentado de meu
« castello a joven Elfride Morel, minha pupilla, corri em seu
« alcance a fim de conduzil-a de novo para o seu domicilio,
« pois que assim cumpria eu com o dever de um bom tutor:
« mas havendo-a encontrado depois de algumas diligencias
« em casa de Frank o Estalajadeiro, achei-a na companhia de
« vosso filho o joven Ramiro de Rustald, que não só se op-
« poz a que Elfride me acompanhasse, como tambem vili-
« pendiu-me, atrozmente; embalde lhe demonstrei a au-
« thoridade que sobre ella exercia, e quaes os meus direitos
« incontestaveis. Quiz usar da violencia, que foi frustrada
« pelo reconhecimento de Roberto Morel, que se achava nes-
« sa mesma estalagem e se dizia irmão dessa infeliz, o qual
« realmente reconheci, não obstante haverem decorrido já
« alguns annos. Iavoquei igualmente a condescendencia des-

« se mancebo. . . mas minha razões de nada valerão. . .
« tudo foi frustrado, pois que tanto Roberto como vosso filho
« despedirão-me grosseiramente. É portanto a vós que ago-
« ra me dirijo, senhor Barão, esperando que reconheceréis os
« meus direitos de tutor, e impedireis vosso filho de seguir
« ávante com os seus projectos, pois que me consta haver-se
« já apregoado o seu casamento com Elfride Morel. Bem sa-
« beis o quanto é prejudicial uma união que se não funda na
« igualdade de posição e na mutua afeição dos dous esposos.
« Julgo que em tal caso se acha Elfrido Morel e Ramiro de
« Rustald; obrareis como um pao prudente, se vos oppozerdes
« a um tal passo, que não só deslustrará, com o poder ser per-
« nicioso a vosso filho. Espero pois, senhor Barão, que ou-
« vireis as minhas queixas e que não me fareis cumprir uma
« resolução penosa, qual seja a de obstar por meios justos,
« ou vingar-me por todos aquelles que a ideia me sugerir,
« para o que porei em acção a influencia que exerço. . . »
O conde de Hatsenfrelde (*representa, fechando a carta*) Que di-
zeis, senhor Conde, sobre o conteúdo desta carta? a assigna-
tura é vossa e o que nella allegaes está do accordo com o que
ha pouco ouvi do Barão de Altorff.

HATSENFRELD.

(*Confuso*). Porem, senhor, adverti que. . . pôde mui bem
ser uma calumnia. . . nessa carta figura uma personagem
sobre quem de ha muito o Tribunal devera lançar os olhos. . .
Roberto Morel. . . um vosso irmão. . . deve ser accusado
como um chefe de salteadores. . .

PRESIDENTE.

Não tratemos de Roberto, nem de novas accusações. Elle
será citado quando lhe tocar a sua vez. Quero que vos defen-
daes das arguições que neste momento vos são dirigidas. Não
tendes mais nada a dizer?

SCENA 6.^a

OS MESMOS, E ROBERTO.

(*Que entra mascarado pela esquerda: vestuario do terceiro e
quarto acto*).

ROBERTO.

(*Com voz forte*) Tenho eu!!! (*todos ficam attonitos*).

PRESIDENTE.

E quem sois vós que temerariamente penetraes neste recinto, de um modo tão ousado?

ROBERTO.

(Tirando a mascara) Sou Roberto Morel!...

TODOS.

Roberto!...

ROBERTO.

Sim, senhores! Roberto Morel, membro deste Tribunal!

HATSENFRELD.

(A parte) Maldição! *(deixa-se cahir sobre o banco)*.

PRESIDENTE.

Que ideia vos trouxe a este Tribunal!...

ROBERTO.

A de salvar um innocente!...

PRESIDENTE.

Que annos ha que o não frequentaes?

ROBERTO.

Ha apenas tres dias que o não frequento.

PRESIDENTE.

Tres dias!... Nesse caso estivestes na ultima sessão. Mas que motivo vos obrigou ao disfarce? quem por tal modo vos guiou?

ROBERTO.

Deos! e os passos do senhor conde de Hatsenfrelde.

HATSENFRELD.

(A parte) Chegou a hora tremenda!

PRESIDENTE.

Mas por que apparecestes na ultima sessão, e deixastes de participar dos nossos trabalhos, durante um tão longo periodo de tempo?

ROBERTO.

Combatido por uma sorte volúvel, todos os dias erão para mim dias de desgostos e afflicções. Vivia entregue aos mais dolorosos pensamentos. O acaso reunio-me a alguns homens vagabundos, tomárão-me por seu guia, e com effeito o fui durante alguns annos. Com o meu exemplo, com as minhas praticas, ensinava-lhes a vereda da honra. Tiravamos um tanto dos ricos e opulentos para distribuir pelos necessitados. A nossa divisa foi sempre o amor da humanidade. . . . e esse amor votado á humanidade, valeu o perdão de Sigismundo nosso Imperador, não só para mim, como para todos aquelles que me seguião. Fôrei de parte uma narração que seria longa, e vou a inteirar-vos da missão que ora venho desempenhar neste Tribunal. Dir-vos-hei em primeiro lugar, senhores, que fosteis torpemente enganados pelo conde de Hatsenfeld! (*estremece Hatsenfeld*) Se me é licito fallar com aquella franqueza que deve caracterisar o homem honrado e que se acha ligado ao Tribunal Secreto. . . .

PRESIDENTE.

Continuae.

ROBERTO.

Não vos repetirei o que o Barão de Altorff vos acaba de expor sobre o procedimento de Hatsenfeld com a sua pupilla, minha irmã. . . . só me cumpre affirmar-vos que o Barão fallou a linguagem da verdade. Depois de haver-me separado de Hatsenfeld na casa do velho Frank, segui as pegadas desse homem, como o viandante nos desertos da Arabia para deparar sombra de gente. . . . ou uma gota d'agoa para minorar-lhe a sede. . . . Sempre contemplei esse homem, depois da nossa altercação, como o genio vingativo que procura a victima para saciar o seu furor. Antes disso, o procurára eu para pedir-lhe contas do precioso deposito que minha mãe lhe havia confiado no seu leito de morto. O acaso me esclareceu o lugar em que o monstro se occultava, o monstro que havia querido sedusir uma pobre orphã! . . . Perdoei-lhe o mal que elle havia feito, por que tive dó desse miseravel, mas não dei-xei de me precaver contra todos os ataques da sua vingança! Tomei a deliberação de o espiar nas mais minimas circumstancias, e tirei um resultado satisfatorio da minha empresa! No dia da accusação do Barão de Altorff estava eu presente, ouvi distinctamente a nomeação do executor, e se vos lem-

braes, senhores, deveis concordar comigo, que foi Ramiro Walter, joven adepto, e não Ramiro de Rustald. . . Já de ha muito filiado. . . (*todos os juizes ficão espantados*) O conde de Hatsenfrelld soube tirar um partido vantajoso desta nomeação, pois que habilmente confundio, para bem do seu plano, o nome dos dois filiados deste Tribunal. Uma tão horrivel coincidência ia dando lugar a um medonho attentado. Sabei, senhores, que o proprio conde de Hatsenfrelld foi o que apresentou o punhal ao filho do Barão de Altorff, seu pae; e que em nome do Tribunal o ameaçára com as torturas, com uma morte horrenda! Tenho, senhores, terminado a minha narração, e agora decidi qual deve ser o castigado. A minha inabalavel intenção era vir lançar-me a vossos pés sollicitar o perdão de uma falta que as circumstancias me obrigarão a commetter. Pela minha parte tenho sido omisso para com o Tribunal, mas a elle volvo, enobrecido pelos mais bellos sentimentos, venho defender a innocencia opprimida, desmascarar um monstro, e fazer um serviço á humanidade! Deliberae pois, senhores! Roberto Morel abençoará até ao derradeiro suspiro o Tribunal Secreto, por que elle não pôde praticar injustiças, mas sim tudo o que for de accordo com a razão, com a moral, com a virtude.

PRESIDENTE.

Perfido Hatsenfrelld, claro está que illudistes a boa fé deste Tribunal, fazendo d'elle o vil instrumento de cegos caprichos. Quizestes immolar á vossa sanhuda vingança o filho e o pae. Quizestes que esse mesmo filho fosse o executor do homem que lhe havia dado o ser, não sendo elle o indicado pelo Tribunal! Conde, os juizes livres vão pronunciar-vos, vão pedir-vos contas do que impunemente haveis praticado em nome desse Tribunal que deveis respeitar! . . . Levantae-vos, conde de Hatsenfrelld, não mancheis o lugar de um conde livre.

HATSENFRELD

(*Levanta-se, retira-se para a direita. À parte*) Horrivel contratempo!

PRESIDENTE.

Os accusados que se retirem. (*Um familiar conduz o Barão e Ramiro para dentro*).

SCENA 7.^a

OS MESMOS, MENOS O BARÃO, E RAMIRO,

(E logo depois Hatsenfrelld).

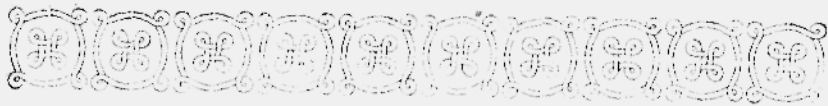
PRESIDENTE.

Conde de Hatsenfrelld, os juizes vão sondar os vossos crimes, reconciliae-vos com a vossa consciencia, apella para a clemencia de Deos! *(faz signal a um familiar ao qual diz algumas palavras, ao ouvido, este passa o segredo a dois que estão armados de massas, que ao ouvirem o segredo as levantão sobre Hatsenfrelld, e retirão-se com elle pela direita. O presidente levanta-se, e os mais juizes igualmente)* Passemos agora, senhores juizes, ao lugar onde o réo deve ser julgado. Antes de pronunciardes os votos da vossa consciencia, juraes pelos santos evangelhos cumprir á risca o que prescrevem os nossos Estatutos?

TODOS.

(Estendendo as mãos) Assim o juramos! *(caminhão lentamente para o lugar do julgamento. O pano desce vagaroso).*

FIM DO QUINTO QUADRO.



QUADRO VI.

Ao levantar do panno, vê-se entrar o Presidente e os mais juizes que tomão os seus lugares, trazendo ao peito faras encarnadas, com as letras T. S.

SCENA 1.ª

PRESIDENTE.

(Depois de uma pequena pausa) Os accusados que entrem.

SCENA 2.ª

OS MESMOS, O BARÃO, RAMIRO E HATSENFRELD.

(Reina silencio por algum tempo)

RAMIRO.

(Para o Barão) Ah! meu pae!...

BARÃO.

Coragem, meu filho!... confia em Deos!

HATSENFRELD.

(À parte) Que será de mim! Deos Eterno! apiedae-vos de minha sorte!

PRESIDENTE.

(Levanta-se, assim como os mais juizes; desdobra um papel e lê. Hatsenfrelld fica espantado; applicando o ouvido) « Meus irmãos! *(lendo)* A pena de morte pronunciada contra o Ba-

« rão de Altorff, é, por votação unanime, commutada em
« uma multa de seis mil florins que devem ser applicados
« aos pobres. Ramiro de Rustald, não obstante haver deso-
« bedecido, a sua desobediencia é reconhecida pelo Tribunal
« como um acto mui natural, tendo sido além disso, horri-
« velmente illudido por um malvado; por tanto o Tribunal
« o absolve. »

RAMIRO.

Meu pae!... *(abraçando-o)*.

BARÃO.

Meu filho!... *(abraço-se)*.

HATSENFRELD.

(A parte) Oh!... o inferno zombou da minha obra!...

RAMIRO.

Meu pae, abençoemos o Tribunal, e corramos a consolar a
desditosa Elfride!...

BARÃO.

Sim, meu filho, e eu corro ao palacio do Bispo de Munster
a cumprir minha sentença!...

PRESIDENTE.

Silencio!— Roberto Morei, o Tribunal considerou na vossa
defesa e nos serviços que acabaes de prestar; mas só na proxi-
ma sessão elle vos julgará. Barão de Altorff, Ramiro de Rus-
tald, assim como acabastes de presenciar a nossa clemencia,
ides tambem ser testemunhas da nossa severidade. *(Lendo)*
« Conde de Hatsenfrelde, a unanimidade é completa...
« *(pequena pausa)* o Tribunal condemnou-te á morte! *(sen-*
« *tão-se todos)*. »

HATSENFRELD.

A morte!... Oh!... *(fica em completa prostração)*

BARÃO.

Justiça de Deos!...

PRESIDENTE.

(Faz signal a um familiar, o qual sahe, e logo depois ouve)

se dar uma grande pancada no bronze: todos os juizes armão-se de punhaes).

TODOS.

(Menos os accusados) Morra o perjuro! . . .

OUTRAS VOZES.

Vingança! . . . *(por toda a parte da caverna, ouve-se o grito de vingança).*

HATSENFRELD.

(A parte) Morrer! . . .

SCENA 3.ª

OS MESMOS, E FAMILIARES

(Que entrão de punhaes alçados trazem archotes accezos, e espalhão-se pelo fundo; duas novas personagens trazem uma pa-diola, em cima da qual vem uma pedra cavada, e collocão-se por de traz do padecente).

PRESIDENTE.

Fasei passar o condemna lo pelos sacrificios que a lei ordena aos perjuros. . . Tiree-lhe a samarra que já lhe não pertence. . . . *(dois familiares assim fazem)* Rasgai-a, lançai-a ao fogo, e as cinzas o vento que as leve. . . . *(Os dois familiares, depois de lhe tirarem a samarra levão-a para fóra da scena)* Tiree-lhe tambem a espada, parti-a pelo meio, e os pedaços lançae-lh'os aos pés. *(um outro familiar assim faz. Para outro familiar)* Agora só resta que seu nome seja tracado em uma taboa de carvalho, que será immediatamente rachada a golpes de machado! . . .

TODOS.

Morra o perjuro! . . .

HATSENFRELD.

(A parte) Oh! meu Deos! . . . é chegada a fatal hora do meu exterminio! . . .

PRESIDENTE.

Levae o condemnado para o lugar da execução. . . . leve-o para que dê o abraço de despedida á estatua de bronze que o espera. . . . Ide expiar o vosso crime. . . . perdi a lembrança do mundo, invocae a Eternidade! (*Ouve-se dar uma segunda pancada inda mais forte que a primeira*) Vamos, a Estatua vos chama! . . . ide morrer a seus pés! . . . (*Marcha fúnebre. Todos os familiares, de archotes e punhaes, vão adiante, e depois Hatsenfrelld, de braços crusados, mas de momento a momento encostando-se ao braço de algum dos familiares. O Presidente e os mais juizes virão-se todos para o lado por onde sahio o cortejo, todos de braços crusados, cabeças baixas, e conservão-se silenciosos.*)

RAMIRO

(*Para o Barão e Roberto*) Oh! deixemos estes lugares, abandonemos o Castello de Oppenheim, vamos habitar um paiz menos austero! . . .

HATSENFRELD.

(*Da parte de fora, com voz sumida*) Ramiro: Roberto! . . . estaes vingados. . . Elfride! . . . Ah! . . . (*ouve-se dar terceira pancada*).

TODOS.

(*Menos os accusados*) Morra o perjuro! . . .

OUTRAS VOZES.

Vingança! . . . (*por toda a parte da caverna, retumba o grito de vingança*).

ROBERTO, BARÃO E RAMIRO

(*Horrorisados*) Ah! . . .

PRESIDENTE

Entregou sua alma a Deos! . . . Esta cumprida a sentença do Tribunal Secreto!

HEM HONRABAM.